



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA, ARTES E CULTURA REGIONAL**

RICARDO LUIZ DE SOUZA

**NEGRA PALMERA, POESÍA, TAMBOR Y MAR:
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E CULTURAIS NA POÉTICA
DE
MARY GRUESO ROMERO**

**Boa Vista, RR
2016**

RICARDO LUIZ DE SOUZA

**NEGRA PALMERA, POESÍA, TAMBOR Y MAR:
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E CULTURAIS NA POÉTICA
DE
MARY GRUESO ROMERO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Artes e Cultura Regional.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Valentim
Duca Oyama

**Boa Vista, RR
2016**

RICARDO LUIZ DE SOUZA

**NEGRA PALMERA, POESÍA, TAMBOR Y MAR:
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E CULTURAIS NA POÉTICA
DE
MARY GRUESO ROMERO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Artes e Cultura Regional. Defendida em 01 de abril de 2016 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Helena Valentim Duca Oyama
Orientadora/Professora do Mestrado UFRR

Prof^a. Dr^a. Idalia Morejón Arnaiz / DLM - USP
Professora Convidada

Membro: Prof^a. Dr^a. Roberto Carlos de Andrade / UFRR
Professor Convidado

Prof. Dr. Reginaldo Gomes de Oliveira
Suplente / Professor do PPGL - UFRR

Dedico este trabalho as minhas raízes, meu pai e minha mãe, melhores referências de super heróis que pude ter até hoje: Luis Silva de Souza *in memoriam* e Maria Pereira de Souza, ambos, um presente que Deus me deu, a eles agradeço por tudo que sou e carrego em matéria de caráter. Os laços de amor que nos unem serão eternos...

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Meus mais sinceros agradecimentos a minha querida *Almanegra del Pacífico Colombiano*, Mary Grueso Romero, a protagonista maior deste trabalho, meu muito obrigado pela confiança depositada em mim e principalmente por permitir que eu pesquisasse o mundo poético das suas multivozes ancestrais africanas.

À Prof^a. Dr^a. Maria Helena Oyama, minha orientadora, um manual de cultura, fica aqui registrada minha gratidão pela parceria, simbiose, paciência com minhas limitadas leituras e a confiança entre orientador e orientando. Com ela aprendi a ler o simbolismo que reveste as palavras e fazer leituras mais apuradas.

À Prof^a. Dr^a. Idalia Morejón Arnaiz, meu agradecimento especial pelo gesto que teve comigo no início desta caminhada ao enviar-me os primeiros materiais aos quais tive acesso sobre a escritora, e que agregaram mais consistência e valor a esta dissertação. Agradeço também pela gentileza em aceitar o convite para fazer parte da banca examinadora.

Aos demais Professores do Mestrado em Letras do PPGL-UFRR, meus sinceros agradecimentos pelas valiosas contribuições para minha formação.

A Maria Elizabeth de Souza, irmã que sempre torce e se encarrega de mandar vibrações positivas de onde está.

À Prof^a. Dr^a. Maria Cristina de Souza, minha também irmã nas horas vagas, graças a ela e ao convite que me fez há alguns anos pude chegar ao solo desta linda e rica Amazônia, onde tudo vem acontecendo e me transformando na minha condição de eterno aprendiz da vida..

A David Santos Pereira, amigo e companheiro de todas as horas, um anjo de ancestralidade indígena que Deus colocou no meu caminho.

A Adelson Florêncio de Barros, pela amizade, pelas inúmeras ajudas, parceria, contribuições, sugestões de leitura e bate-papos culturais.

A Ellen Derzi, ex-aluna e eterna amiga querida, meu eterno agradecimento por tantos gestos de carinho e amizade incondicional,

A todos os amigos que fiz e tenho feito nesta terra abençoada chamada Roraima, meu muito obrigado pelos gestos de carinho e amizade que muito me ajudaram na elaboração desta pesquisa.

"La presencia africana no puede reducirse a un fenómeno marginal de nuestra historia. Su fecundidad inunda todas las arterias y nervios del nuevo hombre americano".

(Manuel Zapata Olivella)

RESUMO

Mary Grueso Romero, poeta, escritora, narradora oral e docente é considerada na atualidade como uma das vozes mais destacadas da literatura afro-colombiana. Com seu trabalho poético, ela procura mostrar ao seu público leitor as reivindicações e anseios dos sujeitos afrodescendentes da sua região. O objetivo desta dissertação é inspirar discussões sobre a participação do afro-colombiano na literatura, analisar os elementos da sua identidade e promover uma reflexão mais ampla sobre estes agentes culturais. Problematizam-se nesta pesquisa questões como os ideais de afirmação da identidade afro-colombiana na poética de Mary Grueso Romero, os diálogos que se formam entre o cotidiano e a vida local, a representação dos negros do Pacífico Colombiano e as referências que surgem para a reivindicação da identidade cultural. Para nortear as minhas análises, esta pesquisa se apoiou em leituras críticas de teóricos no âmbito da literatura e estudos culturais, levados a cabo por autores como Elisabeth Sosa (2009), García Canclini (2013), Homi Bhabha (1998), Silviano Santiago (2000), Stuart Hall (2014), entre outros. Faço uso aqui de conceitos de *alteridade*, *hibridismo*, *o local da cultura*, *o entre-lugar* e *identidades culturais da pós-modernidade*, visões teóricas significativas da contemporaneidade que pontuarão estas discussões. No tocante ao *corpus* escolhido, recorri a diferentes poemas da escritora para tecer considerações, formular interpretações sobre as relações da poeta com seus elementos culturais, o hibridismo existente no seu poemário, sua construção de significados e de sentidos.

Palavras-chave: Mary Grueso Romero. Literatura afro-colombiana. Identidade Cultural.

RESUMEN

Mary Grueso Romero, poeta, escritora, narradora oral y docente, es considerada en la actualidad como una de las voces más destacadas de la literatura afrocolombiana. Con su trabajo poético, ella procura mostrar a su público lector las reivindicaciones y anhelos de los sujetos afrodescendientes de su región. Esta investigación visa inspirar discusiones sobre la participación del afrocolombiano en la literatura, analizar los elementos de la identidad afrocolombiana y promover una reflexión más amplia sobre estos agentes culturales. Se problematizan en este estudio cuestiones tales como los ideales de afirmación de la identidad afrocolombiana en la poética de Mary Grueso Romero, los diálogos que se forman entre el cotidiano y la vida local, la representación de los negros del Pacífico Colombiano y las referencias que se delinearán para la reconstrucción de la identidad cultural. Para orientar mis discusiones, este estudio se apoyó en lecturas críticas de teóricos en el ámbito de la literatura y estudios culturales, llevados a cabo por autores como Elisabeth Sosa (2009), García Canclini (2013), Homi Bhabha (1998), Silviano Santiago (2000), Stuart Hall (2014), entre otros. Se usan aquí conceptos de *alteridad*, *hibridismo*, *el local de la cultura*, *el entre-lugar* e *identidades culturales en la pós-modernidad*, visiones teóricas significativas de la contemporaneidad que orientaron estas discusiones. En lo tocante al *corpus* escogido, recurrí a diferentes poemas de la escritora para poder tejer las reflexiones, formular interpretaciones sobre las relaciones de la poeta y sus elementos culturales, los hibridismos presentes en su poemario y su construcción de significados y de sentidos.

Palabras-claves: Mary Grueso Romero. Literatura afrocolombiana. Identidad Cultural.

ABSTRACT

Mary Grueso Romero, poet, writer, oral storyteller and teacher, is now considered one of the leading voices of Afro-Colombian literature. With her poetic work, she tries to show her reading public the claims and aspirations of the African Descendant groups of her region. In this sense, the objective of this research aims to inspire discussions on the participation of the Afro-Colombian citizen in literature and aims to analyse the elements of Afro-Colombian identity and promote wider reflection on these cultural agents as well. Issues such as the ideals of affirmation of Afro-Colombian identity in the poetry of Mary Grueso Romero, dialogues that are formed between the daily and local life, the representation of the African descendants along the Colombian Pacific Ocean and references that are outlined are problematized in this study for the reconstruction of cultural identity. To guide our discussions, this study is based on critical readings of theorists in the field of literature and cultural studies, conducted by authors like Elizabeth Sosa (2009), García Canclini (2013), Homi Bhabha (1998), Silviano Santiago (2000), Stuart Hall (2014), among others. Concepts of *otherness*, *hybridisms*, *the local culture*, *the between-place in contemporary* and *cultural identities in post-modernity* are significant theoretical visions that guided the discussions in this study. For the *corpus* chosen, I used different poems by the writer to engage reflections, formulate interpretations on the relations of the poet and her cultural elements, the presented hybridisms and the construction of meanings and senses in her poetry.

Keywords: Mary Grueso Romero. Afro-Colombian Literature. Cultural identity

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Mary Grueso Romero | 19 |
| Figura 2 - Mapa do Pacífico Colombiano - Guapi..... | 39 |
| Figura 3 - Mapa do Pacífico Colombiano - Buenaventura..... | 40 |
| Figura 4 - Mary Grueso Romero..... | 42 |
| Figura 5 - Mary Grueso Romero, declamação performativa do poema "Si Dios Hubiese nacido aqui" | 53 |
| Figura 6 - Mary Grueso Romero..... | 72 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 A ESCRITORA E O LOCAL DE ANUNCIAÇÃO DA SUA POÉTICA | 19 |
| 2.1 MARY GRUESO ROMERO – <i>EL ALMANEGRA DEL PACÍFICO COLOMBIANO</i> | 19 |
| 2.2 A IDENTIDADE CULTURAL DE MARY GRUESO ROMERO: <i>POEMAS QUE CELEBRAN SU GENTE, SU TIERRA Y SU MAR</i> | 24 |
| 2.3 O LITORAL DO PACÍFICO COLOMBIANO: UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO PARA A ESCRITORA..... | 38 |
| 3 UM OLHAR SOBRE A POÉTICA DE MARY GRUESO ROMERO | 42 |
| 3.1 A POETA E SUA RELAÇÃO COM AS PALAVRAS: SUA POESIA SE NUTRE DE QUE?..... | 42 |
| 3.2 PAUL ZUMTHOR E A IDEIA DA <i>PERFORMANCE</i> EM TORNO DA ORALIDADE DE MARY GRUESO ROMERO: A ÊNFASE DADA À PALAVRA POÉTICA E À CORPOREIDADE..... | 51 |
| 3.3 A ENERGIA CRIATIVA EM TORNO DE <i>LAS PALABRAS</i> DE MARY GRUESO ROMERO, "LETRAS QUE DANZAN EJECUTANDO LAS DIVERSAS MELODÍAS DEL LENGUAJE"..... | 60 |
| 4 OUTRAS FACETAS DO TRABALHO DE MARY GRUESO | 72 |
| 4.1 MARY GRUESO ROMERO, POEMAS DE AMOR E MAR - O <i>ENTRE-LUGAR</i> NO SEU POEMÁRIO..... | 72 |
| 4.2 A POESIA ENTRE O AMOR E O EROTISMO, <i>LA OTRA CARA DEL TRABAJO DE MARY GRUESO ROMERO</i> | 81 |
| 4.3 MARY GRUESO ROMERO EM: <i>TÓMAME ANTES QUE LA NOCHE LLEGUE</i> , A PLURALIDADE DOS SEUS VERSOS E A QUESTÃO DO TEMPO NA SUA POÉTICA | 90 |
| 5 (IN) CONCLUSÕES | 101 |
| REFERÊNCIAS | 104 |

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a produção escrita de autores afrodescendentes ainda é pouco estudada. Embora já existam algumas contribuições nas áreas de Literatura e Cultura, percebe-se ainda uma quantidade limitada de pesquisas sobre o trabalho poético de escritores de expressão negra tanto no Brasil quanto na América Latina.

Como consequência do período da escravidão, nos mais diversos espaços sociais das Américas, se cristalizaram processos discriminatórios cuja reação foi a de negar a participação do negro, privando-o de tecer sua própria história, de relacionar-se com os "outros" e de conceber-se a si mesmo.

Rejeitando a concepção de que esteticamente há um único padrão identitário, algumas escritoras negras, a partir da autoafirmação da sua *negritude*, se contrapõem aos discursos excludentes e decidem fazer uso da palavra como novas formas de se ler e de se viver no mundo em que se inserem, apostando na criação de coletividades novas, iluminadas pela força da arte e da palavra poética.

Ao recusarem-se a se deixar impor pelo padrão estético do mundo ideal branco, estes agentes negros, do seu *entre-lugar* (SANTIAGO, 2000), apresentam um contradiscurso ao senso comum que se construiu sobre eles: classificações redutoras e exclusões oriundas do sistema escravagista.

Se pensarmos nos diversos mecanismos de resistência adotados no período da escravização dos povos africanos, a literatura é mais uma ferramenta de resistência, de reivenção e reivindicação, para que as vozes dos agentes negros possam se fazer mais presentes no âmbito das manifestações culturais.

Sensível à pluralidade destas vozes e culturas diaspóricas nas Américas, nas últimas décadas tem crescido o número de pesquisadores que se debruçam sobre o universo da cultura afrodescendente, e com isso, trazem à baila discussões e novos olhares sobre o que agentes negros escrevem em termos de literatura.

Ao trazer à tona a atuação destes escritores para os espaços acadêmicos, estamos ao mesmo tempo garantindo-lhes maior participação na sociedade e fazendo aflorar discursos e representações para que não continuem a perder-se nos descaminhos do silenciamento.

Assim, esta dissertação que ora apresento procurou rastrear como a literatura produzida por uma afrodescendente ocupa um lugar de representação nas dimensões e nas experiências socioculturais, e como emerge, flui e é ressignificado o discurso que a legitima, porque ela faz parte de um grupo de outras afrodescendentes e escritoras que não só se veem como negras, mas exigem maior participação como negras.

Como a todo ato de comunicação está subjacente o poder da palavra, estes contradiscursos implicam uma interação, um contato entre membros de uma sociedade para unir-se à causa e lutar contra valores "oficiais" que lhes foram impostos.

A partir de uma linguagem criadora, estas escritoras de expressão negra são capazes de ressignificar suas memórias, que lhes permitem inserir novas formas de interpretação, articulando, negociando e retomando suas identidades a partir da sua subjetividade. Ao munir-se de discurso dialógico, ressaltam sua hibridização cultural, salientando recursos expressivos da sua *performance* negra Zumthor (2014) para quem: "a *performance* é uma ação oral-auditiva pela qual a mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida, no tempo presente, em que o locutor assume voz, expressão e presença corporal (física)". Uma *performance* que está diretamente vinculada aos elementos da sua ancestralidade, de tradições e culturas africanas, do passado histórico e das experiências vividas, ações e reações, como testemunhas da sua própria história.

Acreditando no poder do verso, no discurso *performático* das culturas negras e na força transformadora que as reveste, navegando, ainda que virtualmente, entre mares e oceanos, em busca de pérolas negras da literatura hispano americana, deparei-me com o nome da escritora e poeta afro-colombiana Mary Grueso Romero.

Como nada é obra do acaso, estabelecido o contato com a escritora, iniciaram-se as primeiras conversas, trocas de informações, que me levaram a pesquisas mais apuradas sobre o seu trabalho poético. Destes fecundos contatos, pude ter acesso a uma gama de materiais, e algumas questões foram surgindo para compreender seu projeto poético, como por exemplo: quais eram os ideais de afirmação da identidade afro-colombiana na poética de Mary Grueso Romero? Como se relacionavam e estavam representados nos seus poemas? E de que maneira se construía o diálogo da escritora, a afirmação da sua alteridade e as relações que ela estabelece entre literatura e cultura?

Estas e outras questões me ajudaram a desenhar os rumos da minha pesquisa e me orientaram a pesquisar mais a fundo respostas importantes para os propósitos deste estudo.

Como não basta só perceber, é preciso refletir e respaldar teoricamente nossas discussões, procurei apoiar-me em pensadores pós-modernos com o objetivo de interpretar em que níveis estão presentes os efeitos, as relações de significados e as reivindicações dos sujeitos afrodescendentes nas sociedades pós-coloniais.

Além dos questionamentos já levantados, esta pesquisa procurou também dar mais visibilidade ao trabalho literário de Mary Grueso Romero que, por meio dos seus versos, decide transformar o cotidiano da Região do Pacífico Colombiano em experiências poéticas.

E já que estamos trabalhando com manifestações culturais e artísticas de sujeitos diaspóricos, esta pesquisa também se voltou para a análise sobre as relações entre literatura, cultura e identidade, o dia a dia de comunidades periféricas onde o fazer poético, ainda pouco estudado e analisado, nasce como uma proposta a mais de representatividade.

Com base nestas *novas vozes diaspóricas* e nos sucessivos estudos sobre cultura e identidade desses novos sujeitos pós-modernos, abrem-se possibilidades de discorrer como se configuram as histórias que a História deixou de fora, riquezas culturais subjugadas, embora sejam portadoras de experiências e saberes.

Neste sentido, dialogo ao longo deste trabalho com conceitos teóricos ligados à *identidade cultural na pós-modernidade* na visão de Stuart Hall (2014), a *otredad* na perspectiva de Elisabeth Sosa (2009), o ideia do *entre-lugar* preconizada por Silviano Santiago (2000), o *local da cultura* sob a ótica de Homi Bhabha (1998) e as *culturas híbridas nas Américas* com base nas reflexões de García Canclini (2013), conceitos a partir dos quais se delineiam percursos e ajudam a examinar os valores vigentes no âmbito cultural identitário na pós-modernidade e ampliam os debates procurando articular uma linha de estudo para um melhor convívio com o diferente, com o diverso e as relações que se configuram na atualidade.

Para melhor analisar e compreender os elementos *performáticos* no poemário de Mary Grueso Romero, recorri aos estudos defendidos por Paul Zumthor (2014), cuja atitude teórica se baseia nos efeitos e na ênfase dada às expressões

corporais em consonância com a palavra poética para que o texto se transmita de forma plena.

Também dialogo com outros pensadores e teóricos, tais como George Bataille que me forneceu elementos para embasar, interpretar e fazer algumas reflexões sobre a parte da poesia erótica no último capítulo desta pesquisa.

A escolha do título para este trabalho de dissertação foi fundamentada no valor e intertextualidade que o mesmo sugere e os sentidos que ele promove para reconhecermos as especificidades da poética e da cultura local da escritora.

O título "Negra Palmera, Poesía, Tambor y Mar", carrega quatro elementos culturais bem característicos e que dizem muito sobre o fazer poético da Mary Grueso Romero: A escritora é considerada "Negra Palmera" pelo vigor e força física, que se move em meios aos ritmos e embala com sua voz performática os seus versos. Mary Grueso Romero é "Poesía", porque esse é seu estado, seu talento e sua vocação para proclamar sua identidade negra; é "Tambor", porque carrega o ritmo da sua ancestralidade e, "como el tambor fue instrumental, en ambos sentidos de la palabra, en la supervivencia y la liberación de los esclavos, toda poesía que los proclama y los reclama es un tambor"(RAYO, 2008). E Mary Grueso Romero é "Mar", com toda a sua energia e sua arte. À beira do mar nasceu e viveu. Paisagem que evoca a sua ancestralidade de África a América e de onde se emana sua criatividade poética.

Todos estes termos simbólicos fazem alusão a sua região, sua relação com sua maior fonte de inspiração e sua subjetividade enquanto mulher negra, poeta e afrodescendente.

É deste Litoral do Pacífico Colombiano, um *entre-lugar* Santiago (2000) que para a escritora é fonte de inspiração e cercado de simbologias. Por esta razão, penso que seria necessário fazer menção ao lugar de onde a poeta tira suas melhores inspirações. Como ela mesma afirma: "el mar es el eje temático que transversaliza todo o la mayor parte de mi trabajo literario"¹. (ROMERO, 2016).

Esta pesquisa divide-se em três capítulos e cada capítulo subdivide-se em três tópicos.

O primeiro capítulo intitulado *A escritora e o local de anúncio da sua poética* se propõe a analisar o local da palavra e sua relação com a vida e os

¹ Quando questionada sobre o que significava o "mar" para ela, a poeta enviou por email esta resposta.

aspectos cotidianos que lhe inspiram a delinear e trazer à baila os anseios da sua comunidade afro-colombiana.

No segundo capítulo, que chamo de *Um olhar sobre a poética de Mary Grueso Romero*, procuro mostrar como a escritora engendra suas reivindicações e como a sua palavra poética contribui para fortalecer sua identidade afro-colombiana.

No terceiro e último capítulo, *Outras facetas do trabalho de Mary Grueso Romero*, articulo um pouco mais as minhas hipóteses sobre outros aspectos na poética da escritora, a pluralidade dos seus versos e a questão do tempo poético e suas memórias afetivas

Ao longo deste trabalho, analiso poemas que se encontram publicados em diferentes obras: *El otro yo que si soy yo: Poemas de amor e mar* (1997), *El mar y tu-Poesía afrocolombiana* (2003), *Negra Soy* (2008), *Tómame antes que la noche llegue* (2014). Neles, a escritora constrói sua subjetividade, exalta os valores culturais e tradicionais do Pacífico Colombiano, traça um panorama de como essas comunidades negras vivem e se auto-organizam nas lutas cotidianas, fazendo uso de diferentes simbologias para representar a identidade negra e poder ser socialmente visibilizada.

As obras supracitadas fornecem elementos que pautam e ilustram minhas reflexões e determinam a trajetória desta pesquisa, ajudando-me a compreender os sentidos e os valores vigentes para a escritora e para os agentes do Litoral do Pacífico Colombiano.

Esta pesquisa revela também algumas das muitas resistências enfrentadas por Mary Grueso Romero e a falta de percepção com relação às sutilezas do dia a dia das comunidades negras das quais ela se sente porta-voz, um mundo ainda pouco percebido, porém de reconhecido valor artístico.

Pesquisas desta monta tornam-se relevantes à medida que contribuem para maior entendimento e assimilação das relações entre um escritor em particular, suas produções literárias e das circunstâncias sob as quais escrevem.

É relevante assinalar que do ponto de vista mais social e do processo da formação humana, esta pesquisa, ao conferir maior visibilidade à produção poética de escritores negros, também inspira discussões sobre a participação da mulher na literatura e analisa a ressignificação do papel do afrodescendente na sociedade, promovendo um entendimento mais amplo sobre seus entornos, estabelecendo diálogos e reflexões para um melhor convívio nas sociedades.

Assim, a partir do trabalho poético de Mary Grueso Romero, esta pesquisa promove uma reflexão sobre as vozes dos sujeitos sociais e o universo simbólico das populações afrodescendentes, neste caso, sobre as comunidades do Pacífico Colombiano.

Com base nestas vozes plurais, busco entrelaçar e ampliar discussões apoiando-me em correntes teóricas contemporâneas, introduzindo questões sobre o que produzem e como produzem estes agentes afrodescendentes em termos de literatura.

Neste sentido, esta dissertação procura, principalmente, dialogar sobre estas produções, resultados de muitas resistências, misturas, encontros e desencontros. Ao revigorar a luta destes poetas afrodescendentes na literatura, estamos abrindo debates e situando-os em diferentes meios acadêmicos, o que pode ser um caminho para romper silêncios e transformá-los em contra-discursos historicamente estabelecidos, ajudando-nos a compreender o aspecto da autohistória dos poetas afrodescendentes e sua relação com a escrita, além das questões identitárias que emanam das suas produções literárias.

2 A ESCRITORA E O LOCAL DE ANUNCIAÇÃO DA SUA POÉTICA

Soy poesía cuando camino
y me besa el yodo en el manglar
Es poesía lo que respiro,
soy poesía negra del mar.

Mary Grueso Romero

Figura 1 - Mary Grueso Romero



Fonte: Página da Mary Grueso Romero no facebook.

2.1 MARY GRUESO ROMERO – *EL ALMANEGRA DEL PACÍFICO COLOMBIANO*

A "História Oficial" com suas controvérsias e incoerências pode ainda ser considerada um veículo testemunhal que nos fornece dados sobre os agentes nela implicados. Pode ainda servir como uma ferramenta através da qual adquirimos conhecimento e informações para pesquisar e compreender as realidades que nos rodeiam. Sem os registros históricos, elos que unem, explicam, questionam ou até mesmo reivindicam a vida da humanidade, o lugar do indivíduo, sua realidade, aquilo que ainda é possível saber acerca do que foi vivido, se tornariam muito mais inacessíveis.

Criações literárias, desejos de contestar e descobrir novos olhares configuram-se como meios atemporais de indivíduos no seu meio social. Produções

deste gênero nos possibilitam trocas sobre o modo de vida de sujeitos culturais que transcendem qualquer referência de passado, presente ou futuro histórico.

Sabemos, há décadas, por meio do que nos foi transmitido em termo de "História Oficial" que o projeto europeu para a construção do Novo Mundo acarretou dias de dolorosas travessias para os povos negros oriundos da África na condição de escravizados. Em meio a travessias transnacionais e ao mesmo tempo transculturais, homens e mulheres, provenientes de vários países da África, foram forçosamente transplantados para o "Novo Mundo" e submetidos aos mais altos graus de violência, humilhados, separados das suas famílias e terras de origem, embarcados em viagens sem direito à volta, traumatizados, tratados com açoites e obrigados a duros trabalhos, um capítulo assombroso e vergonhoso dentro da "História Oficial", que nos servirá como pano de fundo para marcar a linha do tempo e relacionar os fatos de como os negros foram transplantados para as Américas e as lutas que tiveram e ainda têm que enfrentar.

No livro *Escavidão e liberdade nas Américas* (2013), as autoras Keila Grinberg e Sue Peabody traçam algumas considerações sobre escravidão e lutas pela liberdade desde o período da escravidão até os dias atuais. Segundo elas, "raramente pensamos o que cada uma dessas palavras significa em concreto" (GRINBERG e PEABODY, 2013). Elas argumentam que:

Para as pessoas que viveram no mundo atlântico entre os séculos XVI e XIX - milhões de indivíduos cujas vidas foram formadas pelas relações sociais, econômicas, políticas e culturais entre africanos, europeus e indígenas - a diferenciação entre escravidão e liberdade era algo central para suas experiências de vida (GRINBERG e PEABODY, 2013, p.7).

São muitos os esforços empreendidos pelos negros da diáspora africana para manterem firmes suas lutas por liberdade, igualdade de direitos, voz e palavra na contemporaneidade, contrariando o que há séculos se pregou: a repugnante ideia de que o negro "trans-africano" (GILROY, 2012) era visto como "coisificado".

Não satisfeitos com os estigmas que lhe foram impostos, mudanças e outras construções discursivas que, lembram o ontem e hoje, tem se engendrado na contemporaneidade. A esse respeito Grinberg e Peabody explicitam que:

(...) As mudanças, no tocante à abolição da escravidão, levaram à redefinição das lutas políticas engendradas pelos libertos e seus descendentes. (...) se pedíssemos aos contemporâneos de fins do século

XIX que definissem escravidão e liberdade, não haveria dúvidas sobre o que era escravidão (...) (GRINBERG; PEABODY, 2013, p.127).

Falar em termos intertextuais de como se organizou esse processo, período de travessias e "(...) dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade, sentimentos que foram sufocados nessas viagens pelo horror constante de tamanhas atrocidades" (MOTT, 1998, p. 40), faz-se necessário para poder desmistificar os imaginários gloriosos do passado pré-colonial que sustentaram debates e mitos ainda atuais em torno da figura de poder, ideia de origem e subalternidade cultural.

Apesar do quadro de crueldades da escravidão, muitos descendentes das vítimas desse processo traumático vêm estabelecendo valores e imprimindo suas marcas na linguagem literária para que a luta negra se expresse. O referencial de um passado de dor e sofrimento propiciou aos afrodescendentes uma visão crítica da situação vivida pelos seus ancestrais, bem como do seu papel na sociedade.

Assim, no mapa de movimentos de diásporas das Américas, podemos situar a Colômbia que, tanto do lado caribenho, quanto do lado do litoral do Pacífico, foi destino de muitos escravos, configurando-se também como espaço multifacetado e cheio de misturas, porém cheio de complexidades e desigualdades do ponto de vista social e cultural.

Nessas margens multiculturais colombianas, há uma forte presença de comunidades negras que ao longo dos anos vêm ocupando a faixa litorânea da bacia do Pacífico e são citadas na Constituição daquele país como sendo reconhecidas pelos seus direitos e pela sua diversidade. É o que figura no artigo 3º do Capítulo II, da lei 70 da Constituição Federal Colombiana de 27 de agosto de 1993 que estabelece que:

(...) el reconocimiento y la protección de la diversidad étnica y cultural, el derecho a la igualdad de todas las culturas reconocimiento e a proteção da diversidade étnica e cultural, o direito à igualdade de todas as culturas están asegurados a los ciudadanos de nacionalidad colombiana.

Apesar da importância reconhecida pela Constituição Federal daquele país e os esforços para denunciar as invisibilidades sociais, ainda perduram as diferenças, a discriminação e o apagamento étnico de camadas que ainda vivem em condições de desigualdade social. Olivier Barbary e Fernando Urrea, autores do artigo

intitulado "La población negra en la Colombia de hoy: dinámicas sociodemográficas, culturales y políticas", traçam uma análise sobre as comunidades negras da Colômbia:

(...) las relaciones sociales en la sociedad colombiana, al igual que otras sociedades latinoamericanas, se encuadran en una jerarquía social racializada, la cual, a pesar de variaciones temporales y regionales, se concretiza casi sistemáticamente en fenómenos de discriminación socio-racial de distintos tipos: residencial, económico y social, cultural y político etc. (BARBARY e URREA, 2003).

Apesar da invisibilidade, desigualdades, discriminação e silenciamento, consequências dos adventos pós-coloniais que nessas margens se delinearam, surgem novas produções culturais negras como o trabalho poético da escritora afro-colombiana Mary Grueso Romero, conhecida como uma das "Almanegras del Pacífico Colombiano".

"Almanegra" é um título que lhe foi outorgado pela diretora do "Encuentro de Poetas Colombianas", Águeda Pizarro Rayo, como reconhecimento às mulheres poetas que mais se destacaram dentro da literatura produzida na região. Este "Encuentro de Poetas" acontece há mais de vinte e quatro anos no Museo Rayo, na cidade de Roldanillo, Colômbia, e é o único espaço, conforme afirmam algumas escritoras e críticas literárias: "donde se respeta la voz de las mujeres poetas afrocolombianas, en todo lo que ellas aportan de novedoso a la poesía de la mujer, y a la poesía colombiana, en particular" (ESCOBAR e ZAMORANO, 2008, p.14).

Para Escobar e Zamorano,

este encuentro es una de las verdaderas fuentes de un proceso de integración y de tomada de conciencia del valor poético de las poetas afrocolombianas, para el resto del grupo de poetas que asiste, cada año, al Encuentro en Roldanillo (ESCOBAR e ZAMORANO, 2008, p.14)

Como o próprio título sugere, a poesia desta *Almanegra* se organiza em função de um manifesto criativo e artístico, de identidade, de representações na sociedade colombiana, um discurso que envolve as reivindicações dos negros "invisibilizados" pela "História Oficial", mas que agora questiona as "divisões binárias" que lhes foram impostas, categorias que, segundo Homi Bhabha (1998), foram construídas a partir de uma lógica simbólica que se estabeleceu historicamente com base em polaridades, tais como branco/preto, eu/outro,

superior/inferior, mas que nessas reivindicações são retomadas e desmistificadas nos estudos da contemporaneidade.

A escritora toma uma posição enunciativa do seu *entre-lugar* (SANTIAGO, 2000), seleciona acontecimentos, ressalta o ritmo de vida da sua comunidade e manifesta o sofrimento histórico forjado aos seus ancestrais, que, fortalecido pelo poder da palavra subjetiva, ganha espaço na sua narrativa e se converte em discurso poético para afirmar uma contra-história.

O *entre-lugar*, conceito proposto pelo pesquisador brasileiro Silviano Santiago, reconfigura e explica que lugar ocupa na contemporaneidade o discurso literário nas Américas e/ou "nossa constituição" enquanto latinos, uma vez que, segundo ele, o *entre-lugar*:

(...) torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia.

(...) literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares (SANTIAGO, 2000, apud HANCIAU, 2010, p. 125).

Sobre os que andam nas margens, nesses espaços do *entre-lugar*, encontramos a linha de estudo defendida pela pesquisadora Elizabeth Sosa, em um texto seu intitulado *La otredad* (2009), em que tece análises sobre as questões culturais na América Latina, e afirma que:

La creación de un propio lugar de enunciación, la significación del estar del sujeto adquiere derechos históricos que construyen la posibilidad de repensarse, de resignificarse en espacios culturales globales con estrategias particulares, entre ellas: la disolución del otro en el mismo, la incorporación del otro en el sí mismo y la desestabilización del otro en el mismo, categorías neohistóricas donde se articulan los elementos simbólicos que dan cuenta de la especificidad de las historias locales y rearticula la cuestión de la otredad (...) (SOSA, 2009, p. 360).

Ao glorificar sua *otredad*, Mary Grueso Romero procura aliviar os abismos da discriminação vividos pela sua comunidade no dia a dia, uma questão complexa, longe de ser resolvida, uma "invisibilidade histórica", resquícios da imposição colonial, mas que na sua produção poética "explora discursivamente la imagen de las culturas que hicieron su espacio en la periferia u otros espacios culturales intermedios" (SOSA, 2009, p.349).

O *lugar de anúncio* da sua *otredad* afro-colombiana, que é o próprio texto poético, compartilha com o leitor o desejo de ver-se negra e saber-se negra, combinado com os elementos da sua comunidade, e assumindo um "eu" que se identifica com um nós em defesa dos seus valores negros da sua região.

Visto desta perspectiva, a partir dos elementos de expressão negra individual, Mary Grueso Romero constrói um trabalho coletivo, que presumimos ser característico da sua *negritude*, como será abordado mais adiante.

Portanto, é nosso interesse colocar em evidência essa *negritude* de Mary Grueso Romero que grita, reivindica e revaloriza o negro cultural, as tradições da sua comunidade e que reconhece seu papel na história como sujeito nela implicado.

Considerando a importância de se estudar a continuidade do patrimônio cultural e a memória histórica particular de um povo, pretendo analisar e interpretar nos tópicos seguintes o legado simbólico e ancestral, uma vez que a escritora dá bastante ênfase a estes aspectos na sua poesia.

2.2 A IDENTIDADE CULTURAL DE MARY GRUESO ROMERO: *POEMAS QUE CELEBRAN SU GENTE, SU TIERRA Y SU MAR*

A situação de submissão e apagamento dos afrodescendentes é um problema que se vincula ao modelo de sociedade patriarcal vigente no período da escravidão, cuja conduta pregava a ideia de raças e classes superiores em detrimento de outras consideradas inferiores, e naquele momento da história, a situação das mulheres era pior do que a dos homens, pois atribuía-se a elas uma condição de mais abandono, violência e humilhações, tendo, desde então, que lutar duramente para garantir seus direitos e fazer valer sua liberdade, lançando mão de diferentes estratégias como armas contra a situação de exclusão e opressão. Uma luta desigual, conforme nos afirma a ensaísta Ana Pizarro: "El costo social era grande para ellas, que necesitan asentarse en su situación de marginalidad para constituirlo en lugar de enunciación" (PIZARRO, 2006, p 169).

Mesmo no presente, a luta da mulher negra contra as diversas formas de preconceito ainda perdura. Entretanto, novos movimentos de resistência e emancipação têm surgido, dentre eles, movimentos de mulheres negras escritoras que reivindicam maior participação também no mundo literário. A historiadora Maria

Lúcia de Barros Mott, no seu livro *Submissão e resistência, a mulher na luta contra a escravidão* (1988), nos situa a respeito desse quadro de lutas contra a discriminação:

Quanto às idéias dessas mulheres, elas refletem as correntes de pensamento emancipadoras e abolicionistas, da época. Podemos perceber que, nem sempre, lutar contra a escravidão significou ver o negro como cidadão igual, íntegro, capaz de cuidar da própria existência ou, antes, pressupunha que o negro deveria continuar sujeito às elites brancas (MOTT, 1988, p.73).

Não tão diferente dos outros contextos da América Latina, na Colômbia, apesar das lutas por maior igualdade de direitos e participação na sociedade, as poetisas afro-colombianas estão renovando e subvertendo com suas manifestações literárias o velho cânone estabelecido da poesia. Com suas obras e fazer poético, estas mulheres têm estabelecido um novo rumo dentro da diversidade cultural da Colômbia, articulando e difundindo uma nova dinâmica de representação identitária nos seus discursos literários.

Como outras tantas artistas e escritoras de expressão negra, Mary Grueso Romero vem se dedicando com seu trabalho poético a dar voz às histórias das mulheres “ignoradas”, “apagadas” pelo silêncio e pelas injustiças sociais. Ao trazer à baila os anseios da comunidade afro-colombiana no seu fazer poético, a escritora nos apresenta um panorama de como vivem os habitantes de comunidades negras do Pacífico Colombiano, suas tradições e culturas, legados que lhe servem de inspiração para efetivação do seu trabalho poético.

Nascida em Guapi, região do Cauca, Litoral do Pacífico Colombiano, passou a residir em Buenaventura/Valle del Cauca, cidade onde atualmente trabalha como professora, poeta e escritora.

Mary Grueso Romero já é vista, reconhecida e respeitada como uma das mais destacadas poetisas da literatura afro-colombiana.

A escritora e crítica literária colombiana María Mercedes Jaramillo ressalta que:

(...) En los versos de Mary Grueso Romero se mezcla la alegría y el dolor, el humor y la tragedia para dar cuenta de los altibajos de la existencia y de la experiencia vital de los habitantes del Litoral (...).
 (...) sus poemas muestran la fuerza espiritual de los afrocolombianos que no pierden el deseo de disfrutar la vida a pesar de la discriminación y el abandono de la región por parte del Estado (...) (MARÍA MERCEDES JARAMILLO, 2005)

Do mesmo modo, Águida Pizarro Rayo, poeta e diretora do Museo Rayo, instituição que apoia o trabalho de escritoras afro-colombianas, com muito destaque nos fala também sobre a poética de Mary Grueso Romero, e considera que: "(...) La poesía de Mary Grueso se nutre de la tradición oral, donde los cantos, cuentos y ritmos configuran tanto las formas como las imágenes de su lírica" (RAYO, 2003 apud ROMERO, 2003). A través da multiplicidade dos seus versos, Mary Grueso Romero expressa o seu legado cultural e ancestral.

No poema *Reina de la Mar*, transcrito abaixo, a poeta afro-colombiana ressalta o seu local de origem e sua presença como mulher negra nascida e criada no Litoral do Pacífico Colombiano, revelando seu cenário de riquezas e diversidades:

REINA DE LA MAR

Soy la negra del Pacífico
 De toda la región
 Mi corona es de azahares
 Que las olas me tejieron
 Los veleros me dieron
 Un mástil para gobernar
 Y soy vocera de mi gente,
 De mi tierra y de mi mar,
 Y todas las criaturas
 Que en el océano están
 Aplaudieron mi elección
 Como reina del litoral.
 Para que los represente
 a todas partes donde voy
 y muestre con orgullo
 lo hermoso de mi color
 y pregone la cultura
 que mis ancestros legaron
 guardándola con sigilo
 en el cofre de la memoria
 que ni las cadenas ni los grillos
 ni la marca de la carimba
 nuestro espíritu truncó.
 (ROMERO, 2014 p. 67)

Embora escrita em primeira pessoa, a poesia de Mary Grueso Romero aposta em um *eu* coletivo, que se defende e defende o orgulho de ser negra e ser "vocera de su gente, su tierra y mar". Ao inserir suas novas vozes culturais, afirmando sua *otredad* (SOSA, 2009) e posicionamento a partir do seu *entre-lugar* (SANTIAGO, 2000), a escritora nos faz refletir acerca de um tipo de *sujeito pós-colonial*, que conforme postulam Homi Bhabha, Santiago e Sosa, encontram na poesia um instrumento que questiona a sua própria realidade, pois:

(...) el sujeto postcolonial adquiere la fuerza discursiva para representarse, expresar elementos sustanciales del mundo de la vida, cómo experimentan la cotidianidad y cuáles son los significados que construyen desde el lugar de enunciadores del discurso (SOSA, 2009, p. 361).

O *sujeito pós-colonial* na palavra de Mary Grueso Romero agora promove reflexões e ressignifica sua própria cultura, a cultura dos outros que ela representa, que se estabeleceram nas margens, nascidos em meio a explorações na condição de pós-colonizados, mas que agora luta para fazer presente a sua condição de *otredad*, uma concepção bastante difundida nos ensaios de Sosa e que designa segundo ela:

(...) via que hace posible la visualización de valores que dan sentido y coherencia a la vida de una comunidad encubierta en imágenes, mitos y estructuras simbólicas, que propician la encarnación de una racionalidad diferente (SOSA, 2009, p.349).

Na produção poética de Mary Grueso Romero, encontramos um veículo que nos incita à reflexão e divulgação das especificidades culturais do seu povo negro, elementos formadores das vozes que combinam a defesa das populações negras do Litoral do Pacífico Colombiano e as configurações sociais que condenam seu povo à marginalidade, pobreza e subordinação.

Mas também há exaltação de costumes, misturas, práticas culturais, crenças e símbolos que revelam a riqueza dos valores da cultura negra desta região.

Portanto, o discurso poético de Mary Grueso Romero pode ser lido através da perspectiva defendida por Sosa, para quem: "el lugar de anunciación promueve la reflexión sobre los modos de representación de la periferia como una posibilidad" (SOSA, 2009).

Ao ressaltar seu "lugar de anunciación", a escritora afro-colombiana se preocupa em fazer valer uma ordem de respeito aos habitantes e à integridade da sua comunidade negra. Pela vertente cultural, sua proposta poética proclama pela revalorização do negro nas relações sociais na Colômbia.

Esses processos que compõem o cenário da diversidade identitária destas regiões, marcadas pela transição entre diferentes culturas, misturas coloniais, ancestrais e pós-coloniais, conferem ao discurso poético de Mary Grueso Romero algumas particularidades, aparentemente complexas e contraditórias, pois ao defender sua *otredad*, a escritora reconhece outros valores, crenças e costumes herdados da cultura histórica do "Outro" e que são evocados no seu discurso poético, não se anulando mutuamente, mas fornecendo contribuições para criar um mundo novo a partir do velho.

A propósito dessas sutilezas entre culturas e das vozes dos sujeitos latino-americanos, podemos apontar que estão na base delas a noção de *transculturação*, conceito alcunhado pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz. Para Ortiz, para quem o termo se adapta à análise das narrativas contemporâneas, pois procura explicar e interpretar os paradoxos culturais dos povos latino-americanos" (REIS, 2010, p. 478).

As aparentes "contradições" e "paradoxos" e o fato de defender-se na língua e com marcas culturais do "Outro", não se deixando aculturar-se, mas sim abrindo-se ao diálogo com o "Outro", fazem do discurso de Mary Grueso Romero uma possibilidade para que novos fenômenos culturais se legitimem e se estabeleçam no âmbito literário, ora questionando os impactos históricos, ora aceitando e combinando diferentes elementos das suas tradições, sem que haja total recusa nem negação entre cada um deles.

A noção da palavra *transculturação* defendida por Ortiz parece aplicar-se a vozes discursivas iguais às de Mary Grueso Romero, pois, ainda que apresentem características complexas e contraditórias, justificam o perfil de sujeitos culturais pós-coloniais, cuja maneira de pensar e representar-se se baseia em grande medida no manejo da própria heterogeneidade herdada.

Numa literatura fortalecida pelas heterogeneidades e pluralidades de vozes, estão inseridas histórias e expectativas do povo negro em contextos periféricos, socialmente marginalizados, espaços do *além* ou *entre-lugar*, pois:

(...) os espaços do “entre-lugar” que fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p.19-20).

É do Litoral Colombiano, lugar de movimentos e transições históricas, este *entre-lugar* de reveladoras riquezas tradicionais, onde a escritora tira a inspiração para as produções poéticas, uma escrita que nos revela simbologias que misturam alegria, dor, ritmo e emoção que dão sentido, expressão e espontaneidade à identidade dos habitantes locais. Nos seus textos, fica evidente a força discursiva da escritora que condiz com a afirmação de Nubia Hanciau (2010) ao refletir sobre esses espaços do *entre-lugar*.

O desejo de releitura dos tradicionais espaços de enunciação - desafiados pelos discursos pós-colonialistas e pela posição singular da crítica ante a dependência cultural-, fez com que fossem criados esses novos espaços, que, misturados às virtualidades globais e às regionalidades enunciativas, atendem ao apelo de instâncias subjetivas dos discursos em circulação (HANCIAU, 2010 p. 127).

No poema *Mi gente, Mi tierra y mi Mar*, versos escritos em primeira pessoa, a escritora celebra com energia criativa, o orgulho da sua identidade negra, sem descuidar da participação da sua ancestralidade. O processo da construção da sua *negritude* pode ser visto no trecho a seguir:

MI GENTE, MI TIERRA Y MI MAR

(...)
 En definitiva soy una negra
 Que lleva en su sangre
 El grito de orgullo
 De un pasado ancestral
 Que hundió raíces en América
 Conservando sus rasgos de identidad.
 Soy una negra que lleva en su canto
 La voz de los que nunca han podido cantar
 Y se siente miembro de una etnia
 Que jamás en la vida la podrán castrar.
 Sólo soy una mujer que pregona a los vientos
 Su cultura e identidad
 Y que siente muy dentro del alma
 Amor por su gente, su tierra y su mar.
 (ROMERO, 2003 p. 37)

Mary Grueso Romero tem um compromisso com a dimensão comunitária. Através da força das suas palavras, a escritora clama pela visibilidade do seu

trabalho, defende sua raça e se reconhece enquanto mulher negra. Além de abarcar sentidos ideológicos, sua poesia se converte em uma espécie de canal de comunicação entre suas crenças ancestrais e as reminiscências da "diáspora africana", processo responsável pelo renascimento da cultura negra nas Américas.

Dessas fronteiras enunciativas ou nesse "terceiro espaço", termo alcunhado por Bhabha para designar as heterogeneidades culturais, espaços de identidades minoritárias - mulheres discriminadas, algumas anônimas, escritoras negras e ativistas de movimentos negros - começam a marcar forte presença e a cobrar maior participação nos discursos sociais e literários.

A força de discursos poéticos, iguais aos da escritora Mary Grueso Romero, lidos a partir de uma perspectiva de *La otredad*, visão teórica discutida amplamente por Sosa, (...) "permite que la visualización del sujeto periférico desde ópticas distintas, reconozca la ampliación del radio conceptual y la generación de nuevos planteamientos" (...) (SOSA, 2009).

Com o fim de analisar essas novas vozes discursivas, Pizarro sugere que, "esses discursos demonstram e evidenciam outro movimento, manifestado em marcas, gestos, inclusões temáticas, diferentes formas de funcionamento e estratégias, que apontam para a construção do cânone alternativo" (PIZARRO, 2006).

Os símbolos ancestrais são evocados como recursos poéticos nos versos da escritora para a reafirmação social e identitária dos agentes que ainda se vêem excluídos, mas que se reinventam e se concebem dentro de criações literárias em função das suas próprias realidades reais e simbólicas. De acordo com Pizarro: (...) "discusiones en torno a las formas de interrelación cultural en la creación poética han dado lugar a distintas posiciones en estas literaturas emergentes" (...) (PIZARRO, 2006).

Podemos dizer que a arte poética contemporânea se caracteriza pela sua *hibridez*, ou seja, vai além dos limites da linguagem, cultura e sociedade. Neste sentido, podemos postular que no hibridismo as formas artísticas misturam as diferentes técnicas e tradições.

Esse *hibridismo* cultural pelo qual passam as manifestações artísticas diaspóricas fornecem subsídios para estudos na contemporaneidade, pois, como afirma Bhabha, "(...) quando se estabelecem exigências interculturais e híbridas, os

nativos ao mesmo tempo desafiam as fronteiras do discurso e modificam sutilmente seus termos" (BHABHA, 1998, p. 172).

A *hibridização*, associada, no princípio, a muitas polêmicas, hoje é usada e difundida por grandes teóricos nos estudos culturais, dentre os mais destacados podemos citar como exemplo a García Canclini que aponta que:

A esta altura, há que dizer que o conceito de hibridização é útil em algumas pesquisas para abranger conjuntamente contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes: as fusões raciais ou étnicas denominadas mestiçagem, o sincretismo de crenças e também outras misturas modernas(...) (GARCÍA CANCLINI, 2013, p. 27).

García Canclini (2013), Homi Bhabha (1998) e Stuart Hall (2014) têm usado o conceito de *hibridização* para designar espaços geográficos cujas culturas se misturaram nas Américas. São discursos que lançam um novo olhar sobre os autores implicados, suas relações e as configurações que se estabelecem entre eles.

Estes conceitos se remetem ao entrelaçamento de culturas entre o mundo pós-colonizado e os cruzamentos étnicos e culturais que podem instigar reflexões sobre as margens comumente excluídas e discriminadas.

O *hibridismo*, no fazer poético da escritora, se manifesta através da oralidade do Litoral e da língua castelhana que se mescla com o das comunidades negras do Litoral do Pacífico Colombiano. Estas oralidades estão poetizadas na sua expressão escrita e revelam um tom intimista da escritora. Vejamos tal comprovação nos seguintes versos do poema intitulado *Chapá Maita Chapá*.

CHAPÁ MAITA CHAPÁ².

Chapá maita chapá, que te vengo a invitá
pa' que vamo a tomá guarapo, al trapiche del Tomás
vos me hacés la segunda pa'vé si lo puedo pesca
con el zumo del quereme que he tenido que comprá.
(ROMERO, 1997 p. 110)

O poema acima possui forte marca de oralidade *híbrida*, proveniente das misturas que ocorreram nas Américas. Da cotidianidade multicultural surgiram expressões da dinâmica sociocultural das comunidades negras. Marcas fônicas *Chapá Maitá chapá (...)* invitá, tomá e comprá, que ilustram a pronúncia rimada e

² *Mirá hermanita Mirá* - Tradução conforme sugerida e figura em nota de rodapé na página da obra onde foi publicado o poema.

musical que caracteriza o linguajar destas regiões, o que nos permite inferir que este fenômeno conserva as tradições de uma arte *híbrida* que propõe novos sentidos e procura estimular a preservação da oralidade e conservação da história desses povos, a partir de um "eu plural" e afro-colombiano.

De acordo Suárez Reyes, nestas variações linguísticas:

(...) sobresalen muchas especificidades desde los diferentes puntos de vista de la variación lingüística partiendo de las léxicos-semánticas hasta las morfosintácticas y fonético-fonológicas entre otras que se reflejan en el carácter netamente marginal, rodeada por selva y mar que se escapan cada vez más para mostrar el español hablado en el pacífico y se expresan desde allí para Colombia y el mundo (SUAREZ REYES, 2010).

Esses fenômenos linguísticos, artísticos e culturais constituem condições de enunciação que garantem que o significado e os símbolos não sejam fixos de definição, mas que possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo (BHABHA, 1998, p. 68). A respeito deste discurso, nos afirma Nubia Hanciau:

O desejo de releitura dos tradicionais espaços de enunciação – desafiados pelos discursos pós-colonialistas e pela oposição singular da crítica ante a dependência cultural, fez com que fossem criados esses novos espaços, que, misturados às virtualidades globais e às regionalidades enunciativas, atendem ao apelo de instâncias subjetivas dos discursos em circulação (HANCIAU, 2010 apud FIGUEIREDO, 2010 p. 127).

Vale a pena assinalar que produções de escritores negros encontram nesses discursos aberturas para novas relações com o diferente. Suas contribuições nos fazem perceber que a literatura negra representa outra luta contra as opressões enfrentadas pelas culturas diaspóricas africanas, condição que, segundo Hall, está intimamente relacionada "con la del cruce de fronteras (...)", ou seja, um deslocamento que "hace hincapié en la fluidez y la intencionalidad históricamente espaciales de la identidad, su articulación con las estructuras de movimientos históricos" (HALL, 2003 p. 155).

Na produção poética de Mary Grueso Romero, a luta que se empreende, é, principalmente, pela visibilidade, pois há um constante clamor pela reafirmação da identidade negra na poesia colombiana, suas representações, seus símbolos, uma reivindicação que cobra mais participação dentro da literatura.

Como nos aponta Eurídice Figueiredo:

Quando se trata de grupos minoritários, ser reconhecido deixa de ser uma necessidade e passa a ser uma exigência junto aos interlocutores com os quais esses grupos, cada vez mais específicos e numerosos nas sociedades democráticas dialogam (FIGUEIREDO, 2005, p. 200).

Entende-se deste modo que como uma identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a vida, depreende-se daí a importância do reconhecimento nessa construção compartilhada já que dependerá da minha relação junto aos meus interlocutores. Sendo assim, "Minha própria identidade depende vitalmente de minhas relações dialógicas com os outros" (FIGUEIREDO, 2010, p.191).

É em torno desta noção dialógica com o outro e do anseio pelo reconhecimento que se formam tanto os movimentos nacionalistas quanto os movimentos identitários, uma identidade cultural que não se apoia em uma concepção de Estado-Nação, mas que reivindica a pertença a uma cultura comum. Nesse caso, "não se mobiliza a referência geográfica, pois a tendência desses movimentos é ser transnacional, baseando-se em categorias tão diversas como raça, etnia, gênero, religião" (FIGUEIREDO, 2010, p.200).

Em consonância com estes processos de construção de identidade coletiva, nacional e cultural, podemos depreender que Mary Grueso concebe e cultiva através dos seus textos o interesse em escrever sobre o cotidiano dos indivíduos, os hábitos que os identifica e compartilhar as idiossincrasias que se revelam.

Há, portanto, na poética de Mary Grueso Romero um território cultural e textual que se alinha à "necessidade de reconhecimento" que corrobora com os conceitos de Figueiredo, quando postula que, "os processos de construção de identidade coletiva, nacional ou cultural, são, todavia, similares no que tange ao estabelecimento de um modelo com o mesmo fim, ou seja, o reconhecimento" (FIGUEIREDO, 2010).

Como filha dessa profusão cultural, a poeta escreve como uma testemunha ocular das experiências do dia a dia vividas nas comunidades negras.

Em um trecho do poema intitulado *Mi región*, transcrito abaixo, a poeta nos descreve o Litoral do Pacífico Colombiano e convida o leitor a conhecê-lo: "Soy del Pacífico y quiero mostrar/ Todo lo lindo y hermoso del mar". Como transmissora de valores, sentidos e símbolos da cultura e para exaltar o seu sentimento de pertença identitária, ela ressalta os elementos regionais: "Ballenas jorobadas y peces de

cores, lisos o de escamas, hay en mi región/ Traigo naidi a presentar/Cocos gigantes que solo aca se dan". Numa vital relação dialógica, a escritora incorpora aos seus textos uma multiplicidade dos produtos diversos como convite para atrair e conhecer a sua região. Vejamos o trecho do poema:

MI REGIÓN

Traigo del campo a la ciudad
 Muchos productos que solo allí se dan.
 Soy del Pacífico y quiero mostrar
 Todo lo lindo y hermoso del mar.
 Ballenas jorobadas y peces de colores,
 Lisos o de escamas, hay en mi región.
 Traigo naidi a presentar
 Cocos gigantes que solo aca se dan.
 Jaibas y cangrejos les quiero mostrar
 Que no tienen cabeza para pensar,
 Se encrespan como globos
 Y caminan para atrás
 Borojó y papachina, chontaduro y pepepán
 Camarones y otras
 Son nuestro manjar.
 A todos los invito que vengan a probar.
 (ROMERO, 2003 p. 78)

No fazer poético de Mary Grueso Romero, está inserido esse compromisso social com sua etnia e sua comunidade, numa constante luta para torná-la visível e respeitada frente a contextos de negações, lugares onde as diferenças se entrecruzam, espaços *híbridos*, ainda pouco percebidos, mas que correspondem a muitos anseios identitários.

A poética desta escritora parece afinar-se com o que o ensaísta Néstor García Canclini diz acerca da arte. O teórico traz à luz que "a arte híbrida se afasta tanto dos ideais de pureza original das identidades e culturas quanto dos paradigmas binários que costumavam contrapor centro e periferia" (GARCÍA CANCLINI, 1997 apud COSER, 2010, p.171).

O termo *híbrido* usado por García Canclini para classificar as diversas produções artísticas no mundo globalizado tende a comportar melhor a ideia de mescla cultural entre tradicional e moderno, assim como entre o popular e o culto e o massivo que estas manifestações representam.

García Canclini faz uma leitura acerca dos cruzamentos culturais na América Latina e traça um panorama sobre essas configurações:

(...) Vivemos em uma nova época marcada por intercâmbios e pela disseminação de produtos e saberes.

(...) O hibridismo a que se refere García Canclini na América Latina estaria ancorado na ideia de um processo sociocultural em que formas culturais separadas combinam-se para compor novas formas (GARCÍA CANCLINI, 2013).

Dentro da lógica de *hibridação* sociocultural, a poética de Mary Grueso propõe uma discussão sobre identidade negra na América Latina, pois na fala da escritora, (...) "A diferencia del Pueblo norteamericano, el Pueblo negro latinoamericano no ha hecho avances en este sentido, es menester que nosotros mismos lo hagamos en todos los aspectos posibles"³.

Cabe ressaltar que apesar dos avanços das pesquisas no tocante às interseções sob a perspectiva da *hibridização* cultural proposta por García Canclini, ainda há muitos conflitos a serem superados sobre os processos que se formam por meio das *misturas híbridas*.

Neste sentido, a concepção de escritas e identidades *híbridas* ainda carece de um amplo debate e espaço nos círculos sociais. Para isso, faz-se necessário alargar as discussões que levem em conta as misturas produzidas por um mundo cada vez mais pluricultural na contemporaneidade.

Assim, percebe-se que questões em torno da identidade e da diferença têm sido retomadas e amplamente discutidas nos espaços acadêmicos. A ideia de sujeito sociológico vem abrindo fendas para discussões acirradas e de cunho mais coletivo. Na concepção defendida por Stuart Hall (2014), o sujeito sociológico que era apagado, ignorado e rebaixado começa a ser visualizado. Neste sentido Hall argumenta que:

A identidade, numa concepção sociológica, preenche o espaço entre 'interior' e o 'exterior' – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a 'nós próprios' nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós', contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2001, p.11).

³ Relatos concedidos pela escritora através de um questionário no dia 17 de julho de 2014.

Os processos de afirmação de identidade e a reivindicação das diferenças estão relacionados aos conflitos binários a partir dos quais a sociedade classifica seus indivíduos. Neste sentido, segundo Bhabha:

O hibridismo tem se prestado a analisar os processos de produções entre diferentes grupos: nacionais, raciais e étnicos, e, assim, a suposta ideia de binarismos culturais é polemizada, e, fruto desse contato entre identidades, surge uma "experiência intersticial", que possibilita espaços para que grupos minoritários construam suas visões de comunidade e apresentem suas próprias versões de memória histórica (BHABHA, 1998 apud COSER, 2010, p. 174).

Pelo que podemos depreender, o projeto poético de Mary Grueso Romero procura romper com os preconceitos que condenam as diferenças e condenam os sujeitos à condição de inferioridade. Ao problematizar esses sujeitos sociológicos, significados e valores da sua região, a escritora alinha sentimentos subjetivos para que cada poema possa resgatar e ressaltar o valor identitário dos cidadãos negros da costa Colombiana. Segundo Mary Grueso:

Hasta el momento mis personajes reflejan en ocasiones situaciones reales, en otras son imaginarias además , mis personajes pertenecen a la etnia negra que puede ser del Pacífico o del Caribe, y por ello, su manera de ser, de observar la vida que se relaciona con esta misma, con las costumbres y las culturas, su aspecto físico. Por ello, los textos infantiles pretenden incidir en ese aspecto que los niños negros se vean reflejados en esos cuentos ilustrados siendo ellos personajes de sus propias historias, y que los otros, los no negros, también tengan la oportunidad de aprender y conocer nuestra cultura a través de mis escritos.⁴

Apesar dos obstáculos para poder garantir um itinerário poético, o número de leitores e pesquisadores tem crescido para alargar o debate sobre vozes negras que se posicionam igual a Mary Grueso Romero, e permitem que a história do seu povo e de outras mulheres se revele literalmente. São mulheres que decidem integrar sua herança cultural e se dedicam a recuperar os aportes culturais que são inegáveis, ao mesmo tempo lutam pelos direitos das suas comunidades, pois:

(...) As mulheres negras têm lutado pelo reconhecimento de sua própria pauta de luta no interior do movimento feminista resistindo, assim, aos pressupostos de um movimento de mulheres baseado na categoria unificada de "mulher" que, implicitamente, inclui apenas as mulheres brancas (AZIZ, 1992 apud WOODWARD, 2005, p.35).

⁴ Relatos concedidos pela escritora através de um questionário no dia 17 de julho de 2014.

Com base nessa perspectiva por reconhecimento no âmbito cultural e social, a pesquisadora Tatiana Capaverde, em sua análise sobre o papel da mulher na literatura escrita, afirma que estas produções poéticas contemporâneas cumprem o papel ao qual se destinam e podem ser assim consideradas:

Na literatura contemporânea é possível observar o processo de transculturação, nova abordagem das diferenças, em que se manifestará o entendimento do estranho como o outro rico em conteúdo para diálogos e trocas, livre das oposições antagônicas. (CAPAVERDE, 2012, p. 100).

A poesia de Mary Grueso Romero encontra neste espaço fecundo contemporâneo e faz uso de diferentes elementos do Litoral do Pacífico Colombiano, marcas culturais fortemente ligadas às raízes e tradições africanas com as quais ela estabelece seus vínculos identitários.

Mary Grueso Romero mescla encantadores ingredientes da atmosfera colombiana, e com isso desenvolve sua marca pessoal, plasmando nela, o valor do seu povo, da sua ancestralidade africana, da sua terra e do seu mar. Segundo a escritora,

Ser poeta afrocolombiana es ser una poeta negra nacida em Colombia, ello marca su trabajo y la manera en la cual expresa su sentir frente a diversas situaciones, paisajes, contexto social, la región, los sentimientos, amor, pertinencia, sencillamente la vida.⁵

No poema *De Dónde Vengo*, transcrito abaixo, Mary Grueso Romero interpreta seu entorno e reconstrói um *eu/nós* pós-escravidão, na busca constante pela afirmação da sua identidade cultural.

DE DÓNDE VENGO

Para que sepan de donde vengo
 No hagan sino sonar
 Un bombo, una marimba,
 Un canuno y un guasá,
 Y verán que mi cara
 Se empieza a transformar,
 Los pies se menean solos,
 Y ahí mismo voy a buscar
 Mi pollera de camaronés
 Y mi blusa de calamar,
 Y cojo un pedazo de cielo,
 Y hago un pañuelo de azahar
 Y me muevo con la cadencia

⁵ Relatos concedidos pela escritora através de um questionário no dia 17 de julho de 2014.

De una palmera de mar
 Cuando la brisa de velero
 Su cuerpo empieza a enfriar
 Mientras la sangre repQue viene de África ancestral
 (ROMERO, 2003 p. 16)

Neste poema, Mary Grueso Romero evoca suas raízes africanas e procura alinhar sua relação com os elementos locais ao pintar um quadro acerca de como os sujeitos de identidade afro-colombiana, reconstruindo sua subjetividade e os traços culturais que os singularizam. No trecho: "Para que sepan de donde vengo/No hagan sino sonar, un bombo, una marimba⁶, un canuno⁷ y un guasá⁸ (...), (...) mientras la sangre repica/que viene de África ancestral", podemos perceber como se forma o jogo de palavras da escritora e o quanto seus versos se mesclam e se moldam através dos elementos culturais, desvendando seu processo de criação.

Seus versos comunicam, expressam e transcendem as fronteiras textuais, misturando-se e interagindo, de alguma maneira, com as simbologias da sua ancestralidade africana.

A ênfase dada à região do Pacífico Colombiano nos versos de Mary Grueso Romero inscreve constantes questionamentos sobre as construções e desconstruções acerca do imaginário simbólico e cultural que se criou ao longo dos séculos sobre estas fronteiras *híbridas*, e, neste sentido, merecem ser mais detalhados e analisados no próximo tópico, pois iluminam o itinerário desta pesquisa.

2.3 O LITORAL DO PACÍFICO COLOMBIANO: UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO PARA A ESCRITORA

Penso que seria importante dedicar algumas linhas à maior de todas as fontes de inspiração para a poeta Mary Grueso Romero que é o Litoral do Pacífico Colombiano, pois a possibilidade de exploração textual e reflexiva que se abre sobre este espaço conduzirá as proposições discursivas desta pesquisa.

⁶ Instrumento tradicional de la música afrocolombiana

⁷ Idem

⁸ Idem

O Pacífico Colombiano é o cenário que inspira e atravessa a maior parte dos poemas de Mary Grueso Romero. Para a poeta Patricia Jaramillo, o universo poético de Mary Grueso Romero se delinea às margens do Pacífico: "Allá está Mary Grueso Romero, negra entre todos los negros, al son de la marimba, canuno y canto nos deja sentir su creación, su ser" (JARAMILLO, 1996).

Para ilustrar o seu lugar cultural, e levando em conta a importância que Mary Grueso Romero confere a este litoral, optei por colocar duas pequenas imagens que ajudarão a situar nossas reflexões e localizarmos melhor geografica e culturalmente. Vejamos então:

Figura 2: Mapa do Pacífico Colombiano - Guapi



Fonte: <https://lufeme.wordpress.com>

Mary Grueso Romero por meio dos seus versos coloca ênfase na diversidade, na afirmação e diferença dos valores do Pacífico Colombiano e interessa-se por reabilitar a autoestima da sua comunidade negra. As experiências e vivências dos habitantes desta região se inserem nos seus textos como portadoras das memórias individuais e coletivas dos que por lá transitam, vivem e trabalham. É no Litoral aonde chegam e se formam muitas histórias de vida, de onde afloram as memórias culturais e sociais que são poetizadas pela escritora para a construção identitária do seu povo. Este espaço de marcada *transculturação* e *hibridização* é, para a própria escritora, "a coluna vertebral do seu trabalho"⁹.

⁹ Relatos concedidos pela escritora através de um questionário no dia 17 de julho de 2014.

Efetivamente, o Pacífico Colombiano, lugar de convivências múltiplas e traços peculiares, perpassa por todo o fazer poético da escritora e enaltece os diferentes elementos dos mais diversos contextos, amenizando os impactos da discriminação e destacando os hábitos culturais. Questionada sobre o que representa para ela o Pacífico Colombiano, ela afirma:

(...) El Pacífico Colombiano trasversaliza todo mi trabajo literario. En mi obra me gusta recrear mi poesía y mi narrativa de hecho el espacio donde se desarrollan las historias es frente al mar con mi gente, mi tierra y mi mar, mi entorno cultural y social, mis versos están todos pasados por agua, ya sean dulces o saladas, las tierras que rodean el Océano Pacífico, la manglaría y las palmeras en especial (...)¹⁰.

Figura 3: Mapa do Pacífico Colombiano - Buenaventura



Fonte: <http://www.lahistoriaconmapas.com>

A importância dada ao seu lugar de origem e às tradições culturais da sua região representa um movimento de resistência perante o capítulo doloroso da história do seu povo e da sua ancestralidade africana. As marcas culturais periféricas, a herança africana e as simbologias regionais são buscadas como recursos narrativos para a reafirmação do seu *eu negro* social.

É nesse espaço de *híbrido e transcultural* que se organiza e se nutre o fazer literário de Mary Grueso. Seus versos convidam o leitor a uma viagem pelo universo dos habitantes dessas localidades, e significam, ademais, um passeio pelas

¹⁰ Idem.

memórias de quem viveu e vive nesses entornos marítimos. Sua poesia engloba o dia a dia da sua gente, as atitudes, as crenças e as dificuldades enfrentadas pela sua comunidade, além das simbologias de vida e costumes que transcendem a linha de tempo e espaço na região.

Este cenário cultural de impressões, crenças, valores e tradições merece ser pensado em conjunto ao longo dos tópicos seguintes, pois representa o mundo de Mary Grueso e ajuda na melhor compreensão do "outro" que ela defende e reivindica na sua poética, criando espaços discursivos como uma possibilidade de transformar as imagens negativas e estereotipadas que se construíram em torno da sua diversidade.

Em meio às múltiplas facetas que este lugar com marca identitária suscita, podemos problematizar a poética de Mary Grueso Romero, pois através deste espaço de riquezas e contradições podemos compor nosso olhar de entendimento sobre seu projeto e discurso literário.

3 UM OLHAR SOBRE A POÉTICA DE MARY GRUESO ROMERO

Soy negra, soy poesía
 nací de las entrañas del litoral,
 traje en mis manos ostras marinas
 y especies nuevas para enseñar

Mary Grueso Romero

Figura 4: Mary Grueso Romero



Fonte: Página de Mary Grueso Romero no facebook

3.1 A POETA E SUA RELAÇÃO COM AS PALAVRAS: SUA POESIA SE NUTRE DE QUE?

De poesia multicolorida, multirrítmica e multifacetada, a escritora com seus versos nos remete ao que afirma uma das muitas pesquisadoras sobre o fazer poético de Mary Grueso Romero: "Su poesía abarca el ámbito cultural del litoral: la autora canta para su tierra, para su gente, y reivindica el lenguaje coloquial del litoral del Pacífico". (MERCEDES JARAMILLO, 2007 apud OSORIO, 2011, p. 1).

Mary Grueso Romero é uma mulher que ergue sua voz poética para ser escutada através de seus poemas. Ela cria e recria suas experiências como forma de estabelecer uma ponte entre o "anonimato" da sua cultura e o fortalecimento da consciência dos valores étnicos da sociedade afrodescendente a qual pertence. É uma poesia engendrada pelo grito do sujeito negro que se autorreconhece, se reafirma e defende o direito de se posicionar e recusa a situação de exclusão.

Esta poeta afro-colombiana demonstra através dos seus textos uma espécie de desabafo. No vigor dos seus versos ou na voz dos seus personagens, ela reivindica uma proposta de inclusão do valor da poesia de expressão afro-colombiana. Seus poemas falam em defesa da comunidade negra, se reafirmam, ressaltam a sua *otredad*, inspirados pelas fortes tradições e diversidades culturais das suas raízes identitárias.

As relações locais e o valor da subjetividade negra representados na poesia de Mary Grueso Romero nos levam a meditar acerca das condições dos “marginalizados”, dos que ainda vivem sob o rótulo da discriminação racial que lhes nega a inclusão. São textos que dão a medida de como essas comunidades vivem, como se auto-organizam nas lutas cotidianas no meio social.

O sujeito poético negro dos seus versos estabelece uma relação de identidade local e cultural juntamente com as simbologias e memória que justificam o orgulho de ser negra e representante do seu grupo social. O sentido que a escritora procura dar aos seus versos não são apenas ilustrativos na sua poética, são, principalmente, elementos que organizam e nos convidam a repensar a condição dos negros e negras na literatura e sociedade colombiana, com seus aspectos culturais e simbólicos.

Marcar presença na literatura colombiana e ressaltar as margens periféricas está entre as aspirações de Mary Grueso Romero. Forma parte das suas reivindicações o desejo de que seus textos ultrapassem fronteiras e mostrem a pluralidade da sua região, abrindo caminhos para os valores culturais das comunidades do Pacífico Colombiano. Seus versos defendem propostas de articulação entre diferentes discursos literários eliminando, pouco a pouco, os preconceitos que ainda pulsam nas sociedades, ou seja, há uma luta pelo reconhecimento, que conforme; Eurídice Figueiredo: "Os processos de construção de identidade coletiva, nacional ou cultural, são, todavia, similares no que tange ao estabelecimento de um modelo com o mesmo fim, ou seja, o reconhecimento" (FIGUEIREDO, 2005, p. 200).

A memória individual-coletiva de Mary Grueso Romero vem contribuindo para a compreensão e desconstrução de ideologias hierarquizantes, pois celebra a diversidade, procurando preencher os vazios e distorções da "História Oficial" e abrindo espaços na literatura para mostrar o que significa ser negro, no caso específico, o que representa ser afro-colombiano para essas comunidades.

É inegável a contribuição dessas produções literárias para a compreensão e tomada de consciência do múltiplo nesses movimentos culturais, e mostrar ao público leitor que *outro mundo* é possível e deve ser incluído para aceitação das diferenças.

Os elementos que margeiam o universo poético de Mary Grueso Romero são evocados para marcar o sentimento de pertença com relação ao seu *eu* e ao lugar de origem. O "eu" abordado por ela não diz respeito apenas a um *eu* individual, mas representa o "eu" de cada um dos negros e negras da sua região. A principal marca do seu eu- poético é exatamente o caráter coletivo do eu humano negro, apagado e silenciado historicamente.

Nos poemas de Mary Grueso Romero, percebe-se uma busca que vincula os laços artísticos e ideológicos que procuram ressaltar as qualidades do seu povo, do seu local de origem e do legado ancestral. Sobre esse tipo de discurso poético nos afirma Pizarro:

(...) a história da vida cotidiana, do vestuário, da cultura material, das mulheres etc, -, assim como a transformação democratizante que significa passar da história intelectual à das mentalidades e à história cultural, constituem um processo que se dá em paralelo com a transformação de perspectivas da historiografia literária no continente (PIZARRO, 2006, p. 27).

A pesquisa sobre Mary Grueso Romero trata reiteradamente das denúncias sobre as minorias negras do seu país, preconceitos históricos vivenciados por esses habitantes; representa a luta pela emancipação e evidencia a importância de tomada de consciência para o processo de aceitação dessas vozes interculturais que, apesar das resistências, encontra na literatura, a chance para que se restabeleça o sentido de orgulho de pertencimento cultural/identitário.

À medida que uma série de grupos culturais ou racialmente marginalizados assumem uma postura reivindicatória, torna-se uma luta maior e se converte num importante artifício contra a discriminação, seja ela racial, de gênero, de credo e de outras tantas espécies. São lutas que têm como meta a necessidade de enfraquecer ou fazer desaparecer as desigualdades sociais e as marcas da herança histórica. O professor e pesquisador José Luís Jobim nos fala a respeito desses grupos culturais:

Mesmo quando membros de gerações subsequentes colocam em questão a matriz cultural de sua herança, também confirmam a consciência da existência desta herança, e de seus efeitos históricos, já que a

renegociação e a ressignificação do conteúdo das fronteiras simbólicas é parte do processo (JOBIM, 2013, p. 60).

Poemas lidos sob a ótica da herança histórica, com olhar voltado para seus efeitos e ressignificação, conforme defende Jobim, instigam debates sobre fronteiras culturais, formas de representação, a reelaboração dos seus símbolos nas suas relações sociais.

Longe de ser apenas uma proposta utópica de discussão, o olhar sobre *otredad*, em um mundo de identidades locais e globais, inclui a luta pela visibilidade que ampliam discussões mais acirradas. Numa análise semelhante sobre esses processos interculturais, nos sugere Moita Lopes:

A possibilidade de experimentar a vida de outros para além da vida local é talvez a grande contribuição da vida contemporânea, ao nos tirar de nosso mundo e de nossas certezas que, apagam quem é diferente de nós e não, nos possibilitam viver outras formas de sociabilidade (MOITA LOPES, 2006, p. 92).

Sem dúvida, quando pesquisamos sobre as vozes das diversidades e alteridades numa perspectiva de estudo contemporânea, abrimos espaços para a ampliação e compreensão dos que ainda se encontram ainda às margens, e, ao mesmo tempo, estabelecemos cisões para discussões sobre esses agentes culturais pós-coloniais e a importância das suas produções para a pesquisa no âmbito acadêmico. Além do que, tais investidas representam a quebra de paradigma e a desconstrução da imagem negativa que se foi criando sobre estes sujeitos, que reivindicam e procuram unir vozes dispersas dentro das suas escritas para subverter os discursos impostos pelo colonizador europeu.

Em outro poema de Mary Grueso Romero, intitulado *Naufragio de Tambores*, transcrito abaixo, a poeta afro-colombiana ilustra com alguns elementos as riquezas da sua ancestralidade: "En mi sangre de mujer negra/Hay tambores que sollozan". A escritora registra neste poema a carga simbólica do seu "hibridismo" e da sua identidade de mulher negra e permite que tudo isto se ressalte: "Y siento un clamor en el cuerpo que me recorre hasta el alma" (...) "De las profundas entrañas/Los gritos de mis ancestros".

Ela nos apresenta no primeiro verso o cenário da sua produção e representação poética "Con rumor de litorales/Naufragio de marimba/En los esteros de la manglaría (...)", destacando e enfocando o chão local e da região do Pacífico

Colombiano, rememorando e apostando nas lógicas históricas e as hibridizações tradicionais. Leiamos o poema:

NAUFRAGIO DE TAMBORES

En mi sangre de mujer negra
 Hay tambores que sollozan
 Con rumor de litorales,
 Naufragio de marimba
 En los esteros de la manglaría.
 (...)
 Oigo sonar el guasá
 Con sonidos incitantes,
 Y siento un clamor en el cuerpo
 Que me recorre hasta el alma
 Cuando me llama de adentro,
 De las profundas entrañas,
 Los gritos de mis ancestros
 Formando tempestades
 En mi corazón y mi sangre.
 (...)
 Entonces se encienden hogueras
 En mi ánfora pagana
 Y me muevo como palmera
 Cuando el viento la reclama.
 Son tambores navegantes
 Desde los estuáridos de África
 Que navegan en la orilla oscura de mi sangre.
 (ROMERO, 2003 p. 72)

No poema acima, a escritora rememora simbolicamente o período escravocrata, questiona os "caminhos ou descaminhos" da diáspora, a memória histórica dos seus antepassados que atravessaram o mar, tomados pelo *banzo*, palavra de origem africana que diz respeito ao sentimento nostálgico com relação à terra natal (africana), a saudade dos que carregam no peito os laços que unem os dois continentes e desejam entender os desarraigados dos seus ancestrais. (DICCIONARIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008). O título *Naufragio de Tambores* por si só já nos provoca uma reflexão e merece especial atenção, porque muito tem a dizer sobre o passado distante e as muitas vozes que desembarcaram da África e foram construindo em terras americanas movimentos e cruzamentos plurais e *híbridos*.

Apesar das inegáveis riquezas das contribuições híbridas que se delinearam nas Américas, oriundas de contatos culturais e configurações populacionais, há nos versos de Mary Grueso Romero questionamentos e críticas que desafiam binarismos

e recusam as hierarquizações raciais impostas secularmente desde o período colonial.

Ao problematizar e reivindicar sua identidade cultural, Mary Grueso Romero procura romper com esses binarismos e faz emergir outras possibilidades que asseguram o sentido dos seus versos. O ser negro para a escritora significa uma reivindicação que engloba identidade social, étnica racial e histórica que, no seu projeto poético, está relacionada diretamente com os contextos em que ela vive.

Sua proposta nos convida a repensar as comunidades afrodescendentes inseridas no universo da sua representação social, racial, simbólica e no legado histórico da sua ancestralidade africana que, na sua poética, se reelabora e confere maior sentido a sua *otredad* negra.

A respeito da defesa da sua *otredad*, no poema *Negra Soy*, transcrito abaixo, publicado em uma antologia colombiana anteriormente citada: *¡Negras somos!* (2008), está presente um sujeito poético feminino que se orgulha e defende o direito de ser socialmente reconhecida como negra. Neste poema, a escritora constrói uma oposição entre os rótulos "negra versus morena/de color", ressaltando, assim, a reivindicação da identidade negra do Pacífico Colombiano. Leiamos o poema:

NEGRA SOY

¿Por qué me dicen morena?
Si moreno no es color
Yo tengo una raza que es negra
Y negra me hizo Dios.

Y otros arreglan el cuento
Diciéndome de color
Dizque pa'endulzame la cosa
Y que no me ofenda yo.

Yo tengo mi raza pura
Y de ella orgullosa estoy
De mis ancestros africanos
Y del sonar del tambó.

Yo vengo de una raza que tiene
Una historia pa'contá
Que rompiendo sus cadenas
Alcanzó la libertad.

A sangre y fuego rompieron,
Las cadenas de opresión

Y ese yugo esclavista
Que por siglos nos aplastó.

La sangre en mi cuerpo
Se empieza a desbocá
Se me sube a la cabeza
Y comienza a protestá.

Yo soy negra como la noche,
Como el carbón mineral,
Como las entrañas de la tierra
Y como el oscuro pedernal.

Así que no disimulen
Llamándome de color
Diciéndome morena
Porque negra es que soy yo.
(ROMERO, 2008 p. 3)

Há neste poema uma volta às origens e o enaltecimento da identidade negra, pois a escritora evidencia o valor da sua afrodescendência em oposição à discriminação que enfrentam os negros no dia a dia. Em cada verso, a escritora nos apresenta seu *eu-negro* que se ressentente com os discursos binários e estereotipados na sociedade, mas que, por meio da palavra poética, defende o direito de ser socialmente denominado e respeitado como negro.

Essa *Negritude dialógica* perpassa por todos os versos da escritora. No poema citado, a voz poética de Mary Grueso Romero rejeita ser chamada de “morena”. Como podemos constatar, seu eu-poético negro defende-se dizendo: “Si moreno no es color”. Ela afirma que tal característica não lhe serve como denominação, pois o adjetivo “morena” seria apenas uma dissimulação, outra maneira clara de rejeição da sua *otredad*, enquanto etnia negra, e uma forma disfarçada de exclusão.

Sua escrita dialoga com algumas formas, veladas ou explícitas, de discriminação que sofrem os negros para posicionar-se na sociedade.

O poema acima ilustra como o discurso do afrodescendente ainda carece de destaque e visibilidade. Essa idiossincrasia da *Negritude* dos seus versos não pode ser interpretada de forma isolada, é necessário analisar as peculiaridades que afloram nos seus textos e se afinam com seu orgulho de ser negra, assumindo-se como tal, valorizando e promovendo uma transformação que possa ultrapassar os contextos locais e alcançar espaços transnacionais.

É interessante observar que a narrativa poética da escritora funciona como um diálogo cujo esforço se interpreta pelo engajamento social dos seus versos

Neles, estão contidas denúncias que negam a presença e participação do negro na sociedade latino-americana. Sobre este tipo de texto nos afirma Jobim:

(...) por "memórias" podemos considerar o tipo de texto que nos remete a um pacto entre o autor e o leitor, mediante o qual o leitor pressupõe que o conteúdo apresentado como 'memórias' refere-se às experiências e ações passadas do narrador (JOBIM, 2013 p. 197)

Mary Grueso Romero acentua o orgulho de ser negra ao revisitar histórica e geograficamente sua ancestralidade. No cruzamento de vozes, ela refaz, através das palavras, o percurso de ida e volta pelo Continente Africano e pelos espaços regionais, articulando um sentimento de pertença. Sua poesia se apresenta ora como canto, ora como evocação dessas paisagens, dos espaços e memórias ancestrais, num ritmo próprio das comunidades negras do Pacífico Colombiano.

Para a autora, a importância dada à sua ancestralidade africana representa um movimento de resistência e de resgate das memórias que foram atravessadas pelos horrores da escravidão. A carga simbólica ancestral africana é ressignificada nos seus textos para dar sentido à sua reafirmação social e identitária perante seu contexto local, e também como forma de manter laços simbólicos com o continente africano. Se fisicamente ela não pode retornar à África, simbolicamente ela o faz através da poesia, articulando o litoral e o continente da sua ancestralidade.

De modo geral, a ancestralidade africana nos poemas de Mary Grueso Romero se apresenta como lugar de referência, a terra perdida e idealizada, um lugar que norteia e explica o sentimento comum à raça negra. Certamente, a relação com os antepassados africanos pode ser reinterpretada como uma forma de reafirmação das suas raízes identitárias. O sujeito de etnia negra, ao reivindicar o respeito à sua *otredad*, reafirma também o valor da sua cultura, e ressalta, ao mesmo tempo, toda a simbologia que permeia o seu mundo e os laços afetivos *transculturais*.

Como a maioria dos atos reivindicadores são antecidos por outros que os influenciam, ao fazer um levantamento sobre os precursores e movimentos de valorização da cultura negra, encontramos, e vale a pena citar nesta pesquisa, o manifesto conhecido como *Negritude*, perspectiva dialógica bastante significativa que se originou na década de 1930 e se viu fortalecido sob a liderança de Aimé

Césaire, da Martinica e outros intelectuais tais como, Léon Gotran, Damas, da Guiana Francesa e Léopold Sédar Senghor, do Senegal.

Os seguidores deste movimento questionam os modelos artísticos vigentes na Europa e, juntos, "eles se posicionaram contra o racionalismo, recusaram os padrões estéticos europeus e se revoltaram contra o capitalismo colonial" (OYAMA, 1999). Ao repensar o negro e sua arte sob a ótica da *Negritude*, estes intelectuais "se viram fortalecidos por uma rede de solidariedade" (DAMATO, 1983 apud OYAMA, 1999) e decidiram engajar-se e assumir a valorização do homem negro e suas manifestações artísticas. É o que nos afirma Maria Helena Oyama:

Através da palavra *Negritude*, Césaire assume integralmente o fato de ser negro e defende os valores dos povos africanos, recusando a negatividade que lhes fora imputada. (...) Deste modo, ser negro e expressar sua negritude seria valorizar as raízes africanas (OYAMA, 2009).

Como todo movimento que luta, cobra e reivindica, a *Negritude* se destacou como sendo uma das manifestações intelectuais mais expressivas no que se refere à valorização das raízes africanas, mas não se tratou de um movimento literário propriamente dito, mas sim, um ato de cunho político, de afirmação e clamor por reconhecimento do valores das culturas africanas e um estímulo para implantá-las.

Nessa época, o senegalês Léopold Sedar Senghor, o francês Aimée Césaire, juntamente com Damas, Sainville e Maugée, fundaram a revista *L'Étudiant Noir* (O Estudante Negro), cujo objetivo maior era, por meio da palavra, lutar pelo fim da tribalização, do sistema clânico em vigor na França nessa época. Apesar das inúmeras resistências encontradas por esse grupo de intelectuais, a proposta da revista era, conforme nos afirma Oyama:

(...) buscar congregar todos os negros numa mesma política de valorização de ser negro, porém os colaboradores não conseguiram, mas foi Aimé Césaire que criou o substantivo "Negritude" na primeira versão de seu poema *Cahier d'un retour au pays natal* (OYAMA, 1999, p.19).

Independente da postura teórica quanto ao termo *Negritude* e as polêmicas que ela suscitou, um aspecto que pode ser considerado foi a união entre esses intelectuais para combater a discriminação, dando ênfase à reflexão sobre a condição do negro e sua relação com o colonizador.

Considerado como movimento vanguardista, os intelectuais negros criam, nesta mesma época, várias revistas *La Légitime Défense* (A Legítima Defesa) e *La*

Revue du Monde Noir (A Revista do Mundo Negro), e assim inicia-se, por Aimée Césaire, Senghor e Damas, o movimento *Negritude*, que embora fosse um instrumento de reconhecida relevância, foi também alvo de contestações por parte de outros escritores, mas não se pode negar que foi importante porque conseguiu reunir e tematizar muitas vozes negras.

Tomando emprestado o termo *Negritude* e considerando as reflexões que este movimento suscitou, podemos alinhá-lo à *Negritude* da escritora Mary Grueso Romero, pois com sua poética, faz avançar uma contestação negra bastante semelhante ao discurso contemporâneo defendido por Aimé Césaire, pois ambos, através do instrumento da palavra, questionam as desigualdades, celebram o orgulho das suas heranças e contribuem para o fortalecimento e equalização das vozes, formulando argumentos e reivindicando o papel do negro na sociedade.

Considerando os efeitos e ideais de afirmação da *Negritude*, acredito ser importante traçar no próximo tópico algumas considerações sobre o engajamento da palavra e o papel do corpo na *performance* poética protagonizada por Mary Grueso Romero.

3.2 PAUL ZUMTHOR E A IDEIA DA *PERFORMANCE* EM TORNO DA ORALIDADE DE MARY GRUESO ROMERO: A ÊNFASE DADA À PALAVRA POÉTICA E À CORPOREIDADE

Neste tópico, procuro realçar as discussões sobre o tom performático no trabalho da escritora, narrativas que perfilam a tradição oral, sua *Negritude*, experiências socioculturais e histórias vivas que surgem do meio da sua comunidade afrodescendente. Para dar sustentação e ampliar minhas reflexões, apoio-me no conceito de "performance", palavra de formação francesa, difundida no campo da dramaturgia, e atualmente muito utilizada por diversos pesquisadores como no caso de Paul Zumthor, cuja contribuição teórica oferece aos estudos literários uma nova perspectiva sobre os elementos que emergem da voz responsáveis pela enunciação e criação de sentidos na comunicação poética.

Paul Zumthor, importante medievalista, crítico literário, historiador da literatura e linguista suíço, na sua obra *Performance, Recepção, Leitura* (2014), amplia o conceito de *performance* e nos apresenta um olhar diferenciado sobre a

encenação de textos literários em que corpo, voz e presença operam em conjunto e proporcionam melhor compreensão numa leitura poética dialógica. Ele afirma que nesta dinâmica: "O leitor não pode senão entrar no jogo, confronto gratuito e vital, em que o ser pesa com todo seu peso" (ZUMTHOR, p. 63, 2014). Neste sentido, entende-se que: "(...) A performance é o único modo vivo de comunicação poética (...)" (ZUMTHOR, 2014)

Zumthor afirma também que: (...) "O poético tem de profundo, fundamental necessidade, para ser percebido em sua qualidade e para gerar seus efeitos, da presença ativa de um corpo" (...) (ZUMTHOR, 2014, p. 63).

A implicação do corpo através da ação oral e pela qual a mensagem poética é transmitida e percebida ajuda na compreensão e situa o texto poético no tempo e espaço.

Para tanto, quando há a presença da voz viva e a interação fisiológica, a palavra se converte em ação e estabelece-se a *performance* narrativa. Nesta construção textual e sensorial considera-se então que é um discurso onde as palavras são dinamizadas pelo vigor da voz poética. Na avaliação de Zumthor:

O que produz a concretização de um texto dotado de uma carga poética são, indissolivelmente ligadas aos efeitos semânticos, às transformações do próprio leitor, transformações percebidas em geral como emoção pura, mas que manifestam uma vibração fisiológica (ZUMTHOR, 2014, pag. 37)

Essas características se confirmam nos textos de Mary Grueso Romero, visto que a autora transmite ao leitor a consciência que ela mesma tem da força estética, do valor da voz viva e simbólica que supõe sua linguagem literária. Seus poemas possibilitam a relação entre voz, corpo e ênfase que ela imprime a cada palavra poética, deixando-nos a impressão de que seus textos se tecem em função dessa energia que os anima, com mensagens que não só visam informar, mas também provocar e envolver seu ouvinte ou leitor, causando nele uma experiência sensorial e visual dotada de signos vitais.

Mary Grueso Romero instaura seu tom *performático* e com ele penetra nos mistérios da própria existência. Ao colocar em cena sua voz poética, ela dá vida às palavras e faz seu público ouvinte mergulhar no mundo dos sentidos. Os traços reveladores da passagem da oralidade para a escrita marcam as formas nas quais a vitalidade cultural de sua comunidade afrodescendente é construída. A voz poética de Mary Grueso Romero, ressoante, potente e expressiva, principal instrumento de

comunicação com o outro, realimenta a história da sua cultura e faz brotar um discurso que interroga as marcas do tempo.

O sentido poético da sua particularidade negra é construído a partir do encontro entre expressão corporal que, intermediada pela sua voz, resulta num conjunto significativo de autorrepresentação, o que causa e faz fluir na própria escritora as expressões faciais, sons, gestos que possibilitam o desempenho dos efeitos da sua poesia. Sua carga expressiva se engendra a partir dos elementos próprios da sua *negritude*, onde voz e corpo se juntam e ditam o tom, velocidade, expressões faciais e uma linguagem corporal que animam suas palavras.

Vejamos a seguir uma foto que ilustra de alguma maneira a expressão facial da escritora declamando o poema intitulado *Si Dios hubiese Nacido aquí*. De acordo com a escritora, este poema é uma desconstrução da ideia de um Deus e uma Maria com características do branqueamento imposto pela sociedade pós-colonial.

Figura 5: Mary Grueso Romero, declamação performática do poema "Si Dios Hubiese nacido aqui"



Fonte: Página de Mary Grueso Romero no facebook

SI DIOS HUBIESE NACIDO AQUÍ

Si Dios hubiese nacido aquí
sería un pescador,
cogería chontaduro
y tomaría borojó

María sería una negra
requete-gordita como yo

que sobre la cabeza
llevaría un platón
llenecito de pescado
ofreciéndolo a toda voz

recorriendo las calles
por toda la población:
"Llevo pescao fresquito
con leche sin estropiá;
el pargo pa'omé frito,
y el ñato pa'sancochá,
canchimala pal tapao
y el tolo pa'surá".

Si Dios hubiese nacido aquí,
aquí en el litoral,
sería un agricultor
que cogería coco en el palmar
con un cuerpo musculoso
como un negro de El Piñal,
con una piel de azabache
y unos dientes de marfil,
con el pelito apretado
como si fuera chacarrás.

En la llanura del Pacífico
tumbaría natos y manglar
que convertiría en polines
pa'los rieles descansar,
y sacaría cangrejos
de las cuevas del barrial.
Si Dios hubiese nacido aquí,
sentiría hervir la sangre
al sonido del tambor,
bailaría currulao con marimba y guasá,
tomaría biche en la fiesta patronal,
sentiría en carne propia
la falta de equidad
por ser negro,
por ser pobre,
y por ser del litoral
(ROMERO, 2003 p. 69)

Vendo ou ouvindo a escritora, podemos observar que o ritmo, a palavra vivida e os elementos afetivos e sentimentais são vibrações naturais na declamação de seus poemas e próprios da linguagem comunicativa da sua comunidade cultural. Ou seja, esses elementos estão diretamente ligados ao seu corpo. Assim, como sugere Zumthor (2014): "o corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso" (...). É pelo corpo, segundo o teórico, que o sentido se forma e o texto é percebido.

No trabalho poético de Mary Grueso Romero, a palavra parece não existir sem a voz. Letra e voz se unem e nos falam de pensamentos, sentimentos e

histórias que fazem parte de seu patrimônio afro-colombiano. A voz não separa corpo e texto, pelo contrário, marca o ritmo, evoca a presença, narra e registra os fatos que acontecem no dia a dia da sua realidade. Um vigor que se revela nas palavras que ela declama. Mary Grueso Romero se mune de signo e arte para dar mais vida, voz à sua *performance* e ao processo de sentido da sua poética.

A escrita poética de Mary se apresenta e se manifesta através da sua linguagem corporal. O corpo é a própria textualidade e força que a inspira, e essa textualidade toma forma e significação com base naquilo que é vivido e transmitido de forma linguística, biológica e político-social. Sua escrita se ajusta ao corpo e dá essa medida; cria, recria, negocia e perpetua as tradições e valores próprios da sua subjetividade. Valores que se unem, dando o tom da sua *performance* em comunhão com os hábitos culturais.

Por meio de sua dicção e expressões performáticas, voz, corpo e *negritude* se transformam em fontes geradoras dos sentidos que fazem seu público ouvinte e leitor aprender e apreender sobre as riquezas de suas tradições culturais.

Pela voz e sons significativos que se desprendem dos seus poemas, o leitor é levado a pensar a palavra poética numa perspectiva sensorial, palavra sonora, reveladora do poder significativo e a intensidade de sentido. Um sentido semelhante ao que descreve Zumthor,

O sentido que o leitor percebe no texto poético não pode se reduzir à decodificação de signos analisáveis; provém de um processo indecomponível em movimentos particulares. Esse traço nos leva a constatar uma vez mais o parentesco estreito que liga, em suas estruturas, seu funcionamento, seus efeitos, a 'poesia' como tal à comunicação oral (ZUMTHOR, 2014, p. 76).

A maneira com que Zumthor desenvolve o assunto nos faz perceber que a força e vigor poético no trabalho de Mary Grueso Romero não se reduz só à palavra declamada. Tom, timbre e altura se apresentam como elementos privilegiados de expressão da sua *Negritude*. Pela palavra pronunciada, a essência da sua poeticidade é construída. A profundidade da sua voz tem um poder de ação na sua narrativa, pois dão a medida e a entonação dos seus textos.

Como podemos perceber na foto acima, o que chama atenção e realmente caracteriza sua expressão poética, entre ela e seu público, é o poder da sua voz, cuja transmissão simbólica se realiza conjuntamente com gestos e movimentos corporais. Olhares profundos, gestos expressivos com as mãos, e impostação da

voz refazem em corpo e espírito o percurso das suas raízes onde a palavra "performatizada" é vivida, acentuada e está carregada com a emoção e história pessoal de sua cultura de origem, o que pode ser corroborado pela linha do teórico Zumthor. A propósito da leitura performática, Zumthor afirma que:

(...) qualquer manifestação cultural fundamentada na presença viva da voz humana, com todas as suas condições físicas e emocionais, possibilitando ao ouvinte interpretar a narrativa, aceitando ou não o jogo de significados transmitido pelo narrador (ZUMTHOR, 2010 apud SILVA, 2013, p. 18).

Assim, podemos depreender que é no jogo de sentidos e significados, transmitidos pelo narrador, onde residem o sentido da expressão e os efeitos vitais da palavra poética. Esta mesma "presença viva da voz humana" pode ser comparada à técnica sensorial que Mary Grueso Romero imprime ao seu fazer literário.

Procurando dar conta da experiência vivida de seu povo, sua poética se situa em um espaço onde consciências individuais e sociais se fundem, dando pulsão a um discurso que procura implicar o receptor. Transmitindo o texto, seja de forma oral ou escrita, produzem-se diferentes efeitos e estabelecem-se as apreensões nos seus ouvintes e leitores, pois:

A recepção se faz pela audição acompanhada da vista, uma e outra tendo por objeto o discurso assim performatizado: é, com efeito, próprio da situação oral, que transmissão e recepção aí constituam um ato único de participação, copresença, esta gerando o prazer (ZUMTHOR, 2014 p, 65).

O traço que constitui a *performance* de Mary Grueso Romero caracteriza-se principalmente pela sua identidade negra, pessoal e representante do coletivo, se faz presente no tratamento de todos os temas que ela aborda. Uma Negritude que é dela e também da sua *nação cultural* (HALL, 2014).

Sua poesia é vista a partir da própria perspectiva do sujeito negro. Esta é sua principal forma de engajamento. Sua oralidade estabelece uma nova perspectiva com sua dicção e sua intenção, e dá uma nova significação a sua cultura e aspectos relacionados às tradições aprendidas. Pele, cabelo, tranças e fisionomia são poetizados; falam as vozes de tradições afro-colombianas e, mais do que informação, a intenção destes textos é de também estabelecer um novo rumo sobre as diversidades culturais colombianas.

O ritmo da sua escrita revela toda a sua força, capaz de realçar a intensidade da sua corporeidade poética e o desejo da escritora de criar um espaço, juntamente com a escrita, que possa transcender os limites dos seus poemas. Uma rica representação poética, na qual os elementos ligados à sua ancestralidade são explorados como forma de afirmação identitária e para serem lidos e percebidos para além da mensagem linguística.

Os poemas de Mary Grueso Romero são criados para serem encenados e representados com a participação do seu público leitor, e não lidos silenciosamente. A aliança textual e sensorial que se estabelece entre linguagem poética e ritmo apresenta a particularidade de uma *performance* sonora e visual. Daí a necessidade de *performatizar* toda a vitalidade da sua palavra. O tom *performático* da sua obra constitui a voz que constrói o caminho e espaço emocional que materializam seu discurso.

Tomando como base o que postula Zumthor, pela leitura e recepção do texto são percebidos estes tons da ordem do sensível, vocal e rítmico. Segundo ele, "(...) a recepção do texto vai se fazer pela audição acompanhada da vista, uma e outra tendo por objetivo o discurso assim performatizado(...)". Afirma também que "(...) Esse ato único é a performance" (ZUMTHOR, 2014, p. 65).

A situação *performancial* dos textos de Mary Grueso Romero sugere o som e, através da musicalidade dos seus versos, o ritmo vai se construindo em conjunto com as energias corporais. Cria-se uma interação entre texto, leitor e ouvinte/espectador e essa mesma interação confere aos poemas características que ultrapassam o papel, e convida a um tipo de apreensão que faz vibrar a transmissão da sua arte. O ritmo, elemento vital da sua poesia, torna-se, pode-se dizer, uma "peça-chave" para dar movimento ao texto poético.

Fato interessante a ser ressaltado é que poetas como Mary Greso Romero consideraram fundamental a continuidade entre as tradições orais. Sua oralidade performática coincide com um traço cultural bastante expressivo nas culturas africanas e de seus descendentes. Tal necessidade da valorização da oralidade é também defendida pela poeta luso-moçambicana Ana Mafalda Leite. Leite, em suas pesquisas sobre o tema, tece algumas reflexões sobre a oralidade africana. Para ela, "a narrativa oral evidencia o desejo de afirmação identitária para os povos africanos, do ritmo e da transmissão que, por meio da voz, recupera sua história". A este respeito ela afirma ainda que:

Na sequência do movimento da Negritude e da necessidade de afirmação cultural da herança africana, os africanos e africanistas enveredaram pelos complexos e inúmeros caminhos da tradição oral africana, quer ao nível da recolha e estudo dos textos e sua fixação e classificação, quer ainda na sua premeditada incorporação nos universos da escrita literária. (...) a oralidade é também um atitude perante à realidade (LEITE, 2015).

Notória é a importância do legado oral na poesia de Mary Grueso Romero. Sua oralidade ressalta os sons *híbridos* da sua afro-colombianidade. Não resta dúvida que poesia e sons estão entrelaçados e adquirem características que extrapolam o signo gráfico nos seus textos, produzindo uma obra multifacetada e multicultural, que tende a um tipo de discurso que é exaltado pela sua expressividade. Entre as características que mais se destacam na poesia de Mary Grueso Romero estão presentes exclamações, vocativos e outros marcadores discursivos que evidenciam um diálogo intertextual típico da cultura afro-colombiana. Preocupada em legitimar um espaço próprio, o texto se torna mais enriquecido com os sons das tradições orais e a espontaneidade da região do Pacífico Colombiano.

Há um esforço em colocar seu discurso poético ao alcance do leitor na medida em que incorpora à sua escrita elementos típicos da literatura oral. É o que Patricia Jaramillo afirma:

Mary, orgullosa de sentirse y saberse negra, nos hace soñar en su obra con el aroma del mar (...) Allá en un lugar de la Costa Pacífica, hay muchas voces que cantan, palmeras que bailan, olas que juegan a enlazar nubes, árboles y negros orgullosos de su raza (...) (JARAMILLO, 1996).

Por meio de um diálogo entre vozes da cultura afro-colombiana, "allá está Mary Grueso Romero, negra entre todos los negros, al son de la marimba, cununo y canto nos sentir su creación, su ser "(...) (JARAMILLO, 1996). "La marimba e el guasa", elementos tradicionais do Sul do Pacífico Colombiano, marcam o ritmo da herança africana, cuja força atravessou gerações e se transformou no símbolo da identidade desse região. Essa linguagem oral apresenta-se como evocações que valorizam o texto declamado, uma vez que os sons sustentam e evidenciam a voz coletiva. É a manifestação viva da cultura ancestral que conta a história dos dias, dos anos e séculos.

São muitos os aspectos que merecem ser ressaltados, estudados e explorados acerca dos textos de Mary Grueso Romero e todos eles nos convidam a

continuar estudando sobre suas obras. O importante para nossa reflexão é salientar que a enunciação do sujeito poético desta escritora se revela, nos seus poemas, com euforia e exaltação, orgulho da sua identidade e reivindicação. Seu sujeito lírico reconhece a si no que diz e defende acerca da sua identidade afro-colombiana que se mobiliza por meio da palavra poética para resgatar as lutas de liberação e emancipação dos negros nas mais diferentes partes do globo.

Sua poética é criadora de sons e ritmos que fazem as palavras vibrarem na sua escrita. A negritude poética de Mary Grueso Romero projeta-se e convoca a todos da sua comunidade para uma revalorização das suas raízes. O poema se constrói como forma de despertar na sociedade afro-colombiana o valor da representação negra. No tocante à oralidade da sua poesia, é interessante também mencionar que as narrativas produzidas por ela carregam especificidades e complexidades reveladoras de uma cultura que ainda está por se conhecer e sabem renovar a escrita a partir de uma oralidade *performatizada*.

Essa *performance* oral e a força geradora, alimentada pela riqueza cultural das suas raízes e que luta pelo reconhecimento e respeito faz com que Mary Grueso Romero ocupe hoje um lugar de destaque na literatura, legitimando-se como uma das principais poetisas e narradoras orais da cultura afro-colombiana.

Suas memórias culturais híbridas e históricas garantem e conservam a continuidade das dinâmicas de relações sociais e culturais da sua comunidade, transmitindo valores que precisam ser compartilhados para continuar transcendendo barreiras, tempos e espaços literários.

O trabalho de Mary Grueso Romero é com a palavra. Palavra que engaja, convence, transcende e permite a ela uma comunicação com o mundo, daí a necessidade de entender a simbologia e força que revestem os seus versos. A fim de esclarecer mais a respeito da sua expressão escrita, faço alusão no próximo tópico à energia criativa que reveste seus versos.

3.3 A ENERGIA CRIATIVA EM TORNO DE *LAS PALABRAS* DE MARY GRUESO ROMERO, "LETRAS QUE DANZAN EJECUTANDO LAS DIVERSAS MELODÍAS DEL LENGUAJE"

A dizibilidade da palavra e a quantidade de imagens na escrita de Mary Grueso Romero abrem possibilidades para uma leitura carregada de elementos extraliterários e cheia de simbolismos, suscitados pela própria palavra, em um tom coloquial que caracteriza e impregna de movimentos a arte poética desta escritora. No poema *Las Palabras*, Mary Grueso Romero deixa externar o que tanto anseia por meio da palavra. Leiamos os versos abaixo:

LAS PALABRAS

Me escondí tras mis palabras
 para que no me encuentres
 mientras las letras harán guiños a tus ojos
 cuando las recorras silenciosas...
 sin prisas ni fatigas.
 Ellas te contarán mis secretos más íntimos
 mis sueños, mis angustias
 y mis miedos.
 Te tocarán...
 tímidas, suaves, sugestivas,
 mimosas, hirientes o altaneras,
 tatuando en tu piel, en los sentidos,
 y en el corazón sus efectos.

Entonces, las letras
 danzarán frente a ti
 ejecutando las diversas melodías del lenguaje,
 cuando conjugan
 verbos conocidos y otros que ellas crean.
 Beberás en el ánfora crepuscular del desvelo
 mientras ellas
 como palomitas de maíz
 saltan coquetas
 cambiándose de lugar en el juego
 invitándote a hurgar
 en su profundidad
 porque serán nuevas
 cada vez que las leas.
 Se desharán como burbujas de jabón
 para formar otras nuevas,
 entonces...

Abro la jaula de mis pensamientos
 para que salgan a vuelo de pájaros
 reprimidas,
 libres, solas, acompañadas,
 tristes, alegres, anudadas, precavidadas,
 caprichosas, apasionadas, impulsivas,
 soberbias, cariñosas, hirientes,

compresivas, amables, angustiadas,
 enamoradas, confundidas...
 La palabras.
 (ROMERO, 2014 p. 43)

Nesta composição, dedicada a outra poeta "Almanegra", Mary Grueso Romero, manancial de sensibilidade e simbolismo, guiada pelo afã de explicar sua capacidade infinita de criação, se mune da magia das palavras e constrói a si mesma dentro da sua relação com estes signos gráficos. Segundo nos afirma Águeda Pizarro, a poeta, por meio destes versos: "nos presenta un lenguaje plural tejido a partir de la soledad de una mujer negra, marina y apasionada" (RAYO, 2014).

Em *Las palabras*, poema que introduz este tópico, Mary Grueso Romero nos revela o poder e força da linguagem poética. Seja oral ou escrita, a palavra que cria, funda e marca a forma do que diz em um ritmo que transcende o signo gráfico. Mary Grueso, ao mesmo tempo intermediária e arquiteta entre elas, revestida de metáforas, nos conduz pela essência e poder de criação que possui. Mas, seria a metáfora uma confusão de imagens que são costuradas aos seus poemas ou novos formatos que se ativam na cabeça do leitor ou ouvinte para buscar consolos de diferentes tipos?

Conforme deixa transmitir, Mary Grueso Romero se utiliza da sua capacidade criativa e empresta seu corpo como sendo espaço de metáforas, um texto que sugere diferentes leituras em busca de significados e reflexões acerca das relações humanas. Na primeira estrofe do poema, Mary Grueso Romero nos apresenta a capacidade infinita que a palavra pode provocar:

Me escondí tras mis palabras para que no me encuentres mientras las letras
 harán guiños a tus ojos cuando las recorras silenciosas sin prisas ni fatigas.
 Ellas te contarán mis secretos más íntimos mis sueños, mis angustias y mis
 miedos (ROMERO, 2014).

Cada palavra se entrelaça e se revela através da simbologia que alude à linguagem corporal, o que permite ao leitor atribuir vida e contemplar o mistério da sensorialidade dos vocábulos, numa manifestação tanto da alma quanto física, exibindo o poder, profundidade e sedução iconográfica da poeta. Águeda Pizarro Rayo afirma que:

El cuerpo de Mary Grueso Romero es el molde en que se fundieron poemas de bronce, bellos como los bronces de Benín. Y de bronce son también las campanas, porque su voz tiene toda la resonancia metálica de una gran campana. No necesita micrófono, y sus poemas doblan, se tañen, repercuten, y mandan ondas sonoras.

(...) como el tambor fue instrumental, en ambos sentidos de la palabra, en la supervivencia y la liberación de los esclavos, toda poesía que los proclama y los reclama es un tambor. El tambor también simboliza el carácter oral de la poesía negra, porque, como hemos dicho, el cuerpo de la poeta transmite el ritmo del corazón y el alma negra (...) (RAYO, 2008, p. 8).

Essa *Almanegra* faz uso do poder dos símbolos para explicar os mistérios do mundo e da vida. As palavras, segundo o próprio poema, são "como palomitas de maíz saltan coquetas cambiándose de lugar en el juego invitándote a hurgar en su profundidad porque serán nuevas cada vez que las leas". Em uma íntima relação entre o simbólico e a palavra, Mary Grueso Romero nos apresenta a palavra como sendo o objeto da própria palavra e a representa para a vida e poesia.

As palavras em muitas ocasiões são veículos de comunicação entre o que uma pessoa pensa e como expressa o seu mundo. Quando bem usadas e apropriadas, se transformam em poderosas ferramentas para que cumpram o papel ao qual se destinam: o de transmitir mensagens. A palavra em muitas situações explica, organiza o entendimento da vida e permite recuperar as memórias, observando a vida, encontrando na fala ou na escrita a força necessária para curar momentaneamente as perdas impostas pelo tempo.

Para Mary Grueso Romero as palavras são: "(...) Tímidas, suaves, sugestivas, mimosas, hirientes o altaneras" (ROMERO, 2014). As palavras carregam em si o ritmo e a ênfase que determinam, muitas vezes, a ação do que elas mesmas sugerem, guiando-se pela expressão em função do que quer dizer, construindo, criando, sanando, obstaculizando ou até mesmo reivindicando. Mensagens aparentemente simples, mas que carregam uma energia capaz de alcançar a liberdade perdida, para poder transcender o sonho que a poeta pretende viver. A realidade da escritora não se dá fora do que deseja expressar, mas sim ganha força quando revela o sentido do que ela é e faz.

Sensível para detectar nas palavras os aromas, sabedoria ancestral e os elementos culturais, Mary Grueso Romero Grueso junta presente, passado e futuro em tudo o que escreve. Ao escutá-la declamar, somos propensos a prestar mais atenção ao seu tom de voz que embeleza a riqueza dos seus versos.

Inspirada nas tradições orais e nos ritmos locais, Mary Grueso Romero revela a força da sua palavra e sua energia criativa que apagam as fronteiras entre as comunidades negras e tudo aquilo que as exclui e separa.

Com profundo interesse pelos elementos da cultura afro-colombiana, ela passa uma mensagem que vai além de qualquer rima ou marca gráfica. Há comprometimento nos seus versos e, principalmente, a certeza de ver na palavra um veículo que carrega força e magia para transmitir os elementos naturais e manifestações verbais mais representativas da Costa do Pacífico Colombiano.

Esse poder multifacetado da linguagem escrita encontra eco nas reflexões do sociólogo, semiólogo e crítico literário francês Roland Barthes, para quem "a linguagem literária transcende o território dos signos, fazendo-o dialogar com aspectos da subjetividade, sem se revestir de instrumento prático, formal e utilitário do pensamento", ou seja, para Barthes, "a qualidade do escritor reside na prática e na capacidade de jogar com os significantes, a polifonia de uma enunciação sutil que traça, em seu texto, várias faixas de onda: inteligência, erudição, ironia, humor, provocação, afeto" (BARTHES, 2012, p. 16).

Demonstrando um profundo amor pela palavra, a poesia de Mary Grueso Romero conserva o legado de muitas vozes. À medida que avança guiada pela palavra, a escritora faz surgir seu próprio ser e promove a cultura e tradição oral do Pacífico Colombiano:

Su palabra es ola sonora y a veces grito de alerta, es marisco, es pájaro, es chonta de selva, es fúnebre chigualo de niño muerto. Todo en ella huele y tiene sabor a niebla marina, a sal de ambiente, a sol y cielo abierto, a sudor y cansancio de muelle, a risa franca y mano de mujer amiga (LEOPOLDO Y MONROY, 2009 apud MERCEDES JARAMILLO, 2011 p.170).

Seu poemário se nutre do mundo metafórico, da riqueza idiomática e da oralidade de suas raízes negras que juntas ensinam a lidar com o mundo real, apoiando-se em situações da vida comum, uma arte que atravessa os poros da pele e manifesta a necessidade de expressar com palavras seus profundos sentimentos.

Influenciada por outros autores e figuras ilustres, bem representativos da literatura afro-colombiana, como Helcías Martán Góngora e Manuel Zapata Olivella, pois nenhum escritor deixa de ser influenciado por quem os antecede, a poesia de Mary Grueso Romero bebe nessas fontes e a coloca no mesmo patamar de escritoras já conhecidas e que figuram na atualidade em obras conhecidas, tais

como *Antología de mujeres poetas afrocolombianas* organizada por Guiomar Cuesta e Alfredo Ocampo e também no livro *Las Hijas del Muntú* (2011), de María Mercedes Jaramillo e Lucía Ortiz, ambas reúnem biografias críticas de várias escritoras negras da Colombia e outros países da América Latina, cuja riqueza idiomática e linguagem buscam analisar e difundir, além de mostrar, como são construídas as representações e expressões de raízes afrofemininas.

Mary Grueso Romero, no trecho a seguir, enfatiza a necessidade de expressar-se por meio das palavras, faz uso excessivo de adjetivos e dá asas a sua imaginação, deixando fluir os pensamentos e ideias, construindo sua subjetividade poética numa perspectiva simbolista de seu mundo. Neste diálogo, Mary Grueso Romero, delicada e sensível, diz:

"(...) abre la jaula de sus pensamientos para que salgan a vuelo de pájaros reprimidos, libres, solas, acompañadas, tristes, alegres, anudadas, precavidas caprichosas, apasionadas, impulsivas, soberbias, cariñosas, hirientes, comprensivas, amables, angustiadas, enamoradas, confundidas... y (...) que se transformen en 'Las palabras' (ROMERO, 2014, p. 43).

Vista desta maneira, a palavra poética de Mary Grueso Romero é bagagem que carrega emoção, "(...) letras ejecutando las diversas melodías del lenguaje, cuando conjugan verbos conocidos y otros que ellas crean (...)". Isso explica o forte sentido da composição e a relação sensorial que a escritora imprime nos seus versos, poemas construídos com base em imagens e materialidade. Palavras que aguçam os sentidos e provocam o gosto ao assumirem uma presença concreta na mente do seu leitor e ouvinte. São textos escritos para serem tocados e sentidos, conforme os versos do próprio poema sugerem quando diz que as palavras: "Te tocarán... tímidas, suaves, sugestivas, mimosas, hirientes o altaneras, tatuando en tu piel, en los sentidos, y en el corazón sus efectos".

A marca visual é um signo de identificação de forte presença nos poemas de Mary Grueso Romero, visto que cada verso adquire uma presença concreta diante de quem os lê ou escuta.

Sua linguagem poética constrói um diálogo entre as culturas; faz circular as ideias por meio da palavra, da criatividade e da expressividade, tornando-se uma sintonia que condiz com o que nos afirma Arreaza no seu livro *Crear con la palabra* (2010). Segundo este narrador:

La expresividad literaria consiste en la producción de ciertos efectos que arrastran a la lengua más allá de la norma. Irrumpen en medio de su función meramente comunicativa que hace valer el uso común como clave de la transmisión, para devolverle al lenguaje por un momento su función poética, que hace valer su materialidad sonora y su capacidad de inventar, renombrándolos, nuevos sentidos (ARREAZA, 2010, p. 11).

Como podemos deprender do trecho acima, toda criação poética supõe algum tipo de efeito, de energia, a própria energia da palavra, do mundo que nos cerca e da linguagem que se estabelece entre o que se escreve e o processo de criação. Nesta troca de efeitos produzidos entre o que se escreve e o que se lê, elaboramos imagens para recriar a nossa realidade. Palavras e mensagens juntam-se e desempenham em um processo diferente para explicar o mundo interior, não como conceitos rígidos, mas como um processo que nasce da necessidade do autor de explicar sua própria totalidade e criar "nuevos sentidos", conforme afirma Arreaza (2010).

A respeito da "función poética" que postula Arreaza, mas precisamente o vigor, criatividade, pulsão e motivação que a sustentam, o poeta se deixa tomar por esta energia e procura nos signos da vida fazer germinar o que escreve.

Sob semelhante enfoque e ponto de vista a respeito do efeito poético da palavra, o ensaísta Luis Martínez-Falero, no seu artigo "Poesía y Creatividad", considera a poesia como sendo:

La poesía es una de las expresiones más puras de la libertad de la lengua. Es un elemento constitutivo de la identidad de los pueblos; encarna la energía creativa de la cultura en su facultad de renovarse sin cesar (MARTINEZ-FALERO, 2006).

No que tange à arte e poder da palavra poética, podemos perceber pontos em comum nas opiniões de ambos escritores, o que se alinha também com o que pensa Mary Grueso Romero sobre o seu fazer poético. A escritora usa a seguinte definição sobre a palavra poética:

Definir la poesía es una labor muy difícil; sin embargo, podemos decir que la poesía es, ante todo, un estado espiritual. Es decir, se trata de un sentimiento que nos embarga frente a una realidad o situación. Podemos experimentar el sentimiento de la poesía en la observación de una puesta de sol, en la compañía de un ser especial o en la contemplación de la naturaleza. Por otra parte la poesía, ese sentimiento espiritual, suele estar presente en la música, en la pintura, en la danza (ROMERO, 2003, p. 91).

A definição de poesia para a autora está íntimamente ligada ao "sentimento". Repetida e ressaltada três vezes no trecho acima, a palavra "sentimento" define e diferencia a poesia dos demais gêneros textuais, pois impregna o fazer poético da escritora e irriga sua subjetividade, mediante sua imaginação, capacidade de criação e transformação para moldar uma nova realidade criada a partir da realidade que já existe.

É possível encontrar pontos em comum nas opiniões do narrador Arreaza, na do ensaísta Luis Martines-Falero e na da própria Mary Grueso Romero quando discorrem a respeito do processo de criação poética. Pelo exposto, pode-se aqui considerar que o processo de criação de um poema avança guiado pela palavra, e assim surge em meio ao impulso do autor que verbaliza o ritmo semiótico, criando seu próprio mundo, revelando todo o seu ser. Conectado com a semântica e sintaxes do poema, o leitor pode interpretar e questionar a maneira como se estruturam as palavras e as coisas, e como se formam os sentidos, sentidos com os quais nos podemos identificar reconhecendo um pouco de nós em cada um deles. Neste sentido, como enfatiza Falero: "El placer estético surgirá en el lector en el momento en que éste reconoce en la literatura sus propias fantasías" (MARTINEZ-FALERO, 2006, p. 171).

Este "placer estético" ao qual se refere o ensaísta, gerador de sentidos e de energia, reforça as premissas de Barthes a respeito da linguagem poética.

Desta maneira, pode-se aqui postular que a pluralidade do texto se revela na liberação dos sentidos que dispersa, na disseminação de sua energia, o que faz extrapolar o que lemos. O texto, apenas o texto, rígido, isso não existe. A liberação de sentidos que se desprende do texto, conforme opina MARTINEZ-FALERO, afina-se com o que postula Barthes quando diz que: "há no que leio um suplemento de sentidos de que nem o dicionário nem a gramática podem dar conta" (BARTHES, 2012, p. 28).

Nesta interação e captação de sentidos defendidas por ambos críticos, o leitor assimila o que está escrito até chegar à compreensão necessária. É preciso jogar com o texto, um jogar no sentido polissêmico do termo, conforme postula Rolando Barthes. Neste sentido, jogando esse "jogo" e entrelaçando as considerações de Barthes, considera-se que:

(...) O próprio texto joga (como uma porta, como um aparelho em que há "jogo"; e o leitor, ele joga duas vezes; joga com o texto, busca uma prática que o re-produza; mas, para que essa prática não se reduza a uma mimesis passiva, interior, ele joga o jogo de representar o texto (...)(BARTHES, 2012, p. 73).

Com base nesse "jogo" de sentidos, que defende Barthes, na leitura dos poemas da escritora, o leitor é tomado por esse processo vital de sentidos e se deixa envolver por eles, deixando-se banhar por emoções muito diversas a partir da realidade recriada e representada pela poeta.

Com relação ao fazer poético de Mary Grueso Romero, Patricia Jaramillo, outra poeta e amiga pessoal da escritora, afirma que:

La poeta ha tomado la tarea de hacer poesía (en verso y prosa) con la terminología de su gente, implicando esta vitalidade nos seus poemas, un estudio fonético-fonológico que nos muestra al negro desde su desarraigo arraigado, de patria-tierra, dolor arrastrado por siglos, saboreado en el mar, su horizonte, supervivencia, trabajo, sueño, paisaje y recuerdo (JARAMILLO, 1996, p. 15)

Jaramillo também faz menção honrosa sobre a capacidade de criação poética de Mary Grueso Romero. Segundo ela, o "trijinar de sensibilidades" de Mary Grueso Romero tem o que dizer e o trabalho da poeta é com a palavra:

(...) además del amplio conocimiento y manejo del castellano, Mary Grueso Romero Grueso tiene igualmente un amplio trajinar de sensibilidades, recuerdos y apegos, que combinados hacen de la cotidianidad, una melodía que inicia en la autora y se sostiene en el corazón del lector (JARAMILLO, 1996, p.15).

Vários elementos de subjetividade ajudam a construir a essência e animam as palavras da escritora. Seus textos se voltam para sua realidade local e projetam a intenção da escritora através das suas palavras. As palavras que para ela, "son el medio por donde expresan su impresión de los sentidos" (ROMERO, 2014).

No poema acima transcrito, Mary Grueso Romero cita que, "las palabras son semillas que ella planta dia a dia y que después... se convertirán en árboles que darán frutos probablemente cuando ella muera".

Faz parte do processo de criação da escritora uma linguagem conotativa e figurada para que o leitor se guie por meio das suas emoções e, a partir do seu ponto de vista particular, recrie e interprete a simbologia do seu patrimônio cultural, os valores neles contidos e o espírito da ancestralidade africana: "Mary Grueso

Romero Grueso, apegada a su tierra, la Costa Pacífica; su gente, los negros; sus costumbres, sus raíces, deja viajar esa revoltura de elementos matizándolos de emoción sentimental, que le da el conocimiento y el manejo de ello" (JARAMILLO, 1996, p.15).

As palavras de Patricia Jaramillo também justificam e coincidem em certa medida com as reflexões de Stuart Hall, quando este afirma que:

Uma cultura nacional é um discurso (...). As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a "nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2014, p. 31).

A ideia de "cultura nacional", postulada por Hall (2014), não se encerra dentro de uma concepção de Estado-nação, fechada, mas sim, reivindica um diálogo que busca extrapolar as barreiras territoriais através de um discurso que compartilha imagens, eventos, cenários, símbolos que dão sentido à "nação". Neste sentido, podemos destacar que na poética de Mary Grueso Romero, o "discurso da nação cultural negra", apoia-se na poesia e na criatividade da palavra para construir uma identidade e explicar sua "nação negra", enfatizando-o, buscando tocar no mundo de quem lê, procurando reconstruir seus simbolismos que, ao revisitar passado e presente, ressignificam a condição de negros e negras na histórica atual, de modo a gerar um sentimento que os identifique e disseminar aquilo que faz do sujeito discursivo um ser com capacidade de significar e significar-se dentro da sua realidade social, histórica e ideológica.

Ao ressignificar a história da sua ancestralidade, o traço reflexivo se apodera dos versos, onde memórias, portadoras de significados e mensagens, conjugam o pensamento e a vontade de expressar-se da escritora. Estas características discursivas na escrita de Mary Grueso Romero se assemelham e se unem à análise de Arreaza, quando afirma que: "El mensaje necesita del sentido, que involucra afecto y concepto (...) la expresión potencia el impacto del mensaje y a veces lo sustituye" (ARREAZA, 2010, p. 11).

Na análise de Arreaza, os efeitos da linguagem poética conduzem o leitor a uma interpretação mais gratificante e enriquecida, já que estão dotados de valores simbólicos que suscitam sensações e sentimentos que levam à apreensão de ideias. Segundo Arreaza:

(...) la poesía tiene por función recargar de sentido las palabras, depurando y remozando el lenguaje de una sociedad. El vigor de la expresión poética depende de la cantidad o intensidad de sentido que pone en juego (ARREAZA, 2010).

Se começo este tópico, que trata do processo de criação de Mary Grueso Romero Grueso ilustrando-o com o poema *Las Palabras*, é porque me surpreende a capacidade e o ato de escrever. Mary Grueso Romero se vale do que podemos chamar de experiência em forma de pensamento, sentimento e palavra que se evocam através das suas memórias que abarcam com profundidade sua condição de mulher negra e poeta, numa viagem íntima que nos fala sobre percepções do que significa ser mulher e palavra.

Conforme abordado no tópico anterior, que trata da *performance* na poética de Mary Grueso Romero, boa parte da sua energia criativa se conecta com seu corpo que, por meio da sua subjetividade poética, reivindica o direito das mulheres de expressar com palavras suas experiências mais íntimas "El cuerpo de la poeta es el de la tierra y sus mares y su expresión en poesía, es tanto de la mujer que habla como del planeta mismo" (RAYO, 2014). Neste sentido, o corpo acaba sendo o próprio texto e o espaço inventivo e libertário da sua expressão.

Seus versos (...) "tocan como las manos, (...) son palabras que actúan como el cuerpo siendo incorpóreas y los poemas son una manifestación tanto del alma como del cuerpo" (RAYO, 2014). Suas palavras não chegam do nada; "son signos vitales atormentados por la pérdida, salvados una y otra vez por su propia memoria que anima y musicaliza las palabras" (RAYO, 2014).

Sua arte poética, segundo a própria Mary Grueso Romero, vem conquistando mais espaço e validando o poder da sua palavra de expressão negra criativa. Nas suas palavras: "el arte negro es una fuerza mayor en el continente y ha transformado tanto la literatura como las artes plásticas del mundo" (ROMERO, 2008). E de fato, o efeito das palavras é de criar no poema sensações, e estes efeitos estão ligados à própria criatividade da escritora.

A missão da poesia de Mary Grueso Romero Grueso é de representar sua terra e a sua comunidade. Quando escreve, é como se pintasse com palavras o seu mundo. Ágüida Pizarro, no prólogo do livro que assina intitulado *Negra Soy* (2008), nos fala sobre isso:

Para Mary Grueso Romero, pintar y escribir son una sola cosa y los ojos de poeta absorben forma y color para darnos la música en palabras onomatopéyicas que describir frutas de mar y árbol y con la repetición anafórica de palabras como "pintar" que transmiten su energía creativa (ROMERO, 2008).

Com imagens, sons e cores, Mary Grueso Romero, de forma poética discute, pinta sua poesia e representa a vida dos que moram no Litoral do Pacífico Colombiano. Ela reconstrói simbolicamente por meio de seus versos as tradições e o momento histórico em que elas se inserem. No seu ato de escrever e produzir poemas, entram o tom, a musicalidade e o vocabulário da mulher negra que "vive a la orilla del mar y depende de él para inspirar-se". A poeta faz uso de uma linguagem simples, autêntica, mas que consegue com ela projetar o que nos quer contar.

Mary Grueso Romero, *El almanegra del Litoral*, ama as palavras e com elas celebra a autenticidade e os ritmos da sua cultura. "Su Gente, Su Tierra y Su Mar" são a maior inspiração e orgulho para sua escrita, e representam a maneira com a qual ela escreve para falar de si mesma nos seus poemas. Estes elementos adornam suas letras e seus versos, dando a cada um deles um toque icônico, performático e textual.

Estas formas de expressão se tornam vitais e marcam bem os discursos das identidades diaspóricas. Este tipo de vitalidade da palavra condiz com o que nos afirma o crítico argentino Adolfo Colombres citado pelo pesquisador Amarino Queiroz:

(...) a força vital que sustenta a palavra é a mesma força da qual se produz toda a vida, o nommo, palavra de origem bantu, que significa força vital, penetra nas coisas, informando-as, definindo-as (COLOMBRES, 1995, p. 44 apud QUEIROZ, 2007).

Sabe-se que em muitas culturas, e em especial nas culturas africanas, a palavra é a ferramenta que opera transformações. Elas são portadoras de saberes, arquivos de memória e integração entre verbo, expressão corporal, música, poesia e recitação.

Estas formas de expressão são características da arte performática dos afrodescendentes. Elas ajudam a transmitir a representação identitária desses indivíduos, pois carregam gestos e expressões herdados das suas tradições e saberes. Na poética de Mary Grueso Romero, constatamos de forma nítida e forte

recursos bem marcados ligados a sua *oralitura*, traços repetitivos, entonação, gestos e ritmos que conferem a seus textos qualidades semelhantes às defendidas pelo pesquisador Amarinto Queiroz, quando afirma que:

Neste sentido, por encarnar tanto a faculdade da fala como a da nomeação das coisas, o verbo como que as corporifica e articula, provendo-as de significação. E ao inscrever-se nessas mesmas coisas, em associação com o gesto, com a imagem e o movimento, pode o verbo, assim performatizado, engendrar com elas outras tantas dizibilidades (QUEIROZ, 2007).

No afã de escrever, Mary Grueso Romero conta sua própria história, e talvez, o que melhor defina a sua energia criativa é a maneira como se dá sua relação com as palavras. Nelas, prevalecem a vontade intencional e entrega íntima da própria autora.

Entre signo gráfico, e a preocupação com rimas e métricas, transcende a força criadora que confere a sua linguagem outra vertente e faz com que nos detenhamos diante da palavra, ora falada, ora escrita, mas afirmadoras dos sentidos da linguagem. Mary Grueso Romero elabora a sequência, transporta ao papel, prepara o cenário e neste jogo de palavras poéticas nos convida a:

(...) hurgar en su profundidad porque serán nuevas cada vez que las leas. Se desharán como burbujas de jabón para formar otras nuevas, entonces... libres, solas, acompañadas, tristes, alegres, anudadas, precavidas, caprichosas, apasionadas, impulsivas, soberbias, cariñosas, hirientes, comprensivas, amables, angustiadas, enamoradas, confundidas (...) (ROMERO, 2014).

São palavras do discurso negro feminino que levanta a voz, articula, desarticula; desconstrói e constrói trazendo em seus inúmeros signos, histórias, verdades e sutilezas das experiências da dizibilidade textual desta escritora que usa o poder de *Las Palabras* para ressaltar os elementos considerados extraliterários e suplementários à sua escrita, permitindo que seus poemas falem por si só e levem o seu público leitor a conseguir uma maior compenetração, conhecimento e interpretação do que diz.

4 OUTRAS FACETAS DO TRABALHO DE MARY GRUESO

*Y soy vocera de mi gente, de mi tierra y de mi mar,
y todas las criaturas que en el océano están
aplaudieron mi elección como reina del litoral.*

Mary Grueso Romero

Figura 6: Mary Grueso Romero



Fonte: Página de Mary Grueso Romero no facebook

4.1 MARY GRUESO ROMERO, POEMAS DE AMOR Y MAR - O *ENTRE-LUGAR* NO SEU POEMÁRIO

Há um artigo publicado na *Revista Brasileira do Caribe* (2008) onde o pesquisador Roland Walter traça alguns questionamentos a respeito das configurações culturais e os processos identitários afro-diaspóricos nas Américas. Com base nessa temática, que parece bem adequada para os propósitos deste tópico, pretendo elaborar aqui algumas reflexões sobre outras facetas do trabalho poético de Mary Grueso Romero.

Roland Walter, ao analisar o local da palavra e os múltiplos processos culturais nos discursos pós-modernos, levanta o seguinte questionamento:

Como é que a palavra engaja a memória para recriar as referências necessárias para a reconstrução da identidade cultural, identidade transculturada em múltiplos processos de fissura e fusão entre mares e lares, raízes e rotas, origens quebradas e chegadas deferidas? (WALTER, 2008, p.96).

Este questionamento implica uma série de elementos que ajudam a pensar e entender a formação literária de sujeitos negros dentro de uma perspectiva que, segundo Walter (2008), pode ser chamada "transescrita", pois como ele mesmo afirma:

Desde o início de sua diáspora nas terras americanas, o africano ou afrodescendente teve e continua tendo que lidar com as dissonâncias enquanto resultado de um conjunto de violências corporais, mentais e epistêmicas (WALTER, 2008, p.88).

Interessa-me neste tópico conferir especial importância ao "mar" de Mary Grueso Romero, não somente por ser um lugar de inspiração e afetos para a poeta, mas principalmente por ser o pano de fundo que transversaliza a maioria dos seus versos.

Este *entre-lugar* da sua cultura, zona de contatos e movimentos transculturais, deslocamentos e transculturações constitui um campo bastante produtivo de reflexões sobre a memória individual e coletiva da escritora, ecos entre passado e presente, experiências pessoais e também coletivas dos afrodescendentes que vivem em meio a suas fissuras e fusões decorrentes das imigrações coloniais.

Para Mary Grueso Romero o mar é lugar de muita inspiração, igual a tudo que suscita a natureza. Nele, a escritora encontra os elementos necessários para serem explorados na sua escrita poética: ondas, profundidade, cor, mobilidades e relações que se formam e se constroem dos que ali moram e do mar dependem para viver e compartilhar os anseios através da arte do dizer e escrever.

Frente à grandeza e impetuosidade do mar do Pacífico Colombiano, existe um sabor que define o dia a dia deste *entre-lugar*, espaço sentimental e geográfico, tanto quanto simbólico para os moradores híbridos, suas tradições culturais e as diversas experiências vividas decorrentes da colonização nas Américas.

Esta paisagem carregada de simbolismos estabelece diferentes formas de vida neste *entre-lugar*, evidenciando emoções, dando enfoque a memórias carregadas de enigmas, dores, mistérios e grandes personagens que são engendrados a partir das águas salgadas do mar e que fazem fluir a linguagem e fatos históricos dos negros afro-americanos carregados de muito lirismo.

Este "mangue de memórias rizomatizadas" (WALTER, 2008 p. 103), lugar sociocultural e de alto valor metafórico explora a memória viva de indivíduos, transformando, elaborando e organizando modos de vida em função das lutas, dificuldades e (in) certezas das experiências vividas, um lugar, conforme descreve Roland Walter: "(...) de fragmentos culturais que, num processo histórico aberto, se tangem e se entrelaçam em simbiose ou síntese" (WALTER, 2008, p. 106).

Mary Grueso Romero, com sua imaginação criativa, navega com seus versos por este orla cultural. A sua escrita reveste-se de mar e muita metáfora para empreender uma viagem por mares conhecidos e desconhecidos, já que lhe paira a dúvida sobre a origem dos seus ancestrais. Ela navega pelas bordas hibridizadas do seu *entre-mar*, mar de desejo, dor e ausência dos que ela invoca através das suas memórias. Esta "Mujer negra, marina y apasionada" (RAYO, 2014 p. 4) se volta aos habitantes do Litoral do Pacífico e à baía de Buenaventura, local onde vive e "hace navegar sus cenizas que, como sus palabras son mensajeras" (RAYO, 2014).

Muito interligado a sua biografia, já que foi à beira-mar onde transcorreu boa parte das suas histórias pessoais como "mujer negra y marina", Mary Grueso Romero tira do mar as lembranças e os elementos do passado para valorizar este cenário de memórias plurais e híbridas com o objetivo de conscientizar seus leitores a aceitar sua alteridade e celebrar junto com ela a diversidade da sua região através da arte do viver, fazer e dizer literário.

No conjunto da sua obra, estão marcadas de forma muito enfática atividades corriqueiras e expressivas do cotidiano dos afro-colombianos do Litoral do Pacífico, lugar onde se encontram (...) la acrobacia melódica de las ballenas, el cortejo nupcial de las gaviotas tras los pesqueros y la fotosíntesis del sol en los manglares (...) (ROMERO, 2014, p.50).

Mary Grueso Romero, habitante do litoral, seu *entre-lugar*, no sentido aplicado por Santiago (2000), ou espaço híbrido como preceitua García Canclini (2013), ou diaspórico conforme afirma Paul Gilroy (2012), fornece recursos para que se escrevam histórias, ainda não escritas nem pensadas, sobre as diversidades negras transculturais.

Podemos, assim, inferir que tais recursos textuais e culturais funcionam como estratégia de sobrevivência pessoal e coletiva, e como formas alternativas das configurações populacionais.

Mary Grueso Romero ama o mar, o mar do Litoral do Pacífico Colombiano, águas que banham sua região, os sonhos e lembranças que ela carrega e outras formas que ela tem de sentir seus entornos. Por meio da sua produção poética, ela analisa a história dos negros da sua região e as fusões interculturais resultantes das misturas que se formaram no "Novo Mundo".

Este mar de memórias individual e coletiva permite que suas reflexões venham à luz, forjando discussões e diálogos, descartando essencialismos discriminatórios e apostando num mosaico cultural híbrido, aberto a novas interpretações, que na concepção de García Canclini:

(...) a partir de Culturas híbridas, aliás à ficção produzida recentemente em diversas regiões das Américas, fornece subsídios críticos nesse sentido, uma vez que enfoca confluências entre culturas pautadas pela hibridéz, em lugar das mesclagens subordinantes (GARCÍA CANCLINI, 1993, p. 140 apud GOMES TORRES, 2008).

Em sintonia com o que preconiza Canclini, esta combinação de elementos organizada em produções poéticas teria a responsabilidade de resgatar aquilo que está nestes interstícios, o não dito, o que está esquecido ou ignorado, as diferenças dos que foram submetidos aos descaminhos diáspóricos em solo Americano.

O mundo de memórias na construção poética de Mary Grueso Romero aponta para o questionamento da sua própria identidade coletiva produzida por meio do contato com a cultura trazida pelo mar, "Culturas geradas a partir do esfacelamento diaspórico", conforme aponta Gomes Torres (2008), ou alinhando-se a esta difinição, "formas estéticas e contraestéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o pertencer", como preceitua Gilroy (2012).

Estes elementos ressurgem como "Sirenigmas y signos de amor marino que emergen con la fuerza sísmica del maremoto para nuestro asombro y deleite" (RAYO, 2003). Um "asombro" causado pelo universo traumático responsável pela escravidão e o tolhimento da própria cultura negra, mas que agora procura impor-se frente à voz dos colonizadores e promove, para seu "deleite" o desvelamento da sua identidade numa nova relação com o oceano.

Na história dos movimentos diaspóricos, o mar, local de transição e movimentos, peso desestruturante dos hábitos e comportamentos culturais, de travessias, de dores e sofrimentos, subsidia também tecidos culturais criativos nas

Américas. Resultado destes efeitos devastadores, o colonizado ou escravizado constitui-se um cidadão híbrido, abrangendo em sua trajetória aspectos culturais que, por vezes, rompem com a história de raça e racismo imposta pelo colonialismo. Tomando essa herança cultural como base, amplia-se o escopo do saber, refaz-se o caminho para compreender e dar continuidade à história dos africanos sem o peso das mais diversas violências experimentadas ao longo do período de servidão, miséria e subordinação por parte das culturas dominantes.

A maior parte das produções poéticas de Mary Grueso Romero realça a simbologia do mar, mostrando que ele é o transporte para um universo de elementos que formam a sua "afrocolombianidad" com seus mitos e memórias.

A literatura como meio de comunicação pode ser ilustre representante dessas memórias sufocadas durante séculos. Assim, autores de culturas diaspóricas e híbridas, que seguem a mesma trilha de Mary Grueso Romero, discorrem sobre as diversas experiências advindas da colonização e das chagas do sofrimento vivenciado, mas que lançam olhar para o mar, como espaço de fragelação e violência devido à escravidão, no intuito de tomar posse dele e rememorar a história dos antepassados, estimulando o contra-discurso e estabelecendo novos olhares. Um espaço que se assemelha à concepção de Gilroy quando enfatiza que:

O conceito de espaço é em si mesmo transformado quando ele é encarado em termos de um circuito comunicativo que capacitou as populações dispersas a conversar, interagir e mais recentemente até a sincronizar significativos elementos de suas vidas culturais e sociais (GILROY, 2012, p. 20).

O mar é como um cúmplice do diálogo entre o colonizador e o colonizado, é testemunha histórica das memórias dos povos africanos, das travessias dolorosas e do peso da escravidão.

O mar é espaço de dor, como dito acima, mas também lugar de referência que compõe o processo de construção identitária das culturas da diáspora africana. De acordo com o *diccionario de símbolos de Juan Eduardo Cirlot*, a palavra "mar" sugere que:

Su sentido simbólico corresponde al del «océano inferior», al de las aguas en movimiento, agente transitivo y mediador entre lo no formal (aire, gases) y lo formal (tierra, sólido) y, analógicamente, entre la vida y la muerte. El mar, los océanos, se consideran así como la fuente de la vida y el final de la misma. «Volver al mar» es como » retomar a la madre», morir (CIRLOT, 1992, p. 298).

Rememorar os fatos traumáticos através do mar não é um caminho fácil a ser percorrido pela escritora, entretanto, sugere mais que uma lamentação social diante das perdas, exílio e separação geográfica forçada pelo colonizador, torna-se um *entre-lugar* que divide espaços vazios e fronteiras imaginárias que trazem e fazem navegar pedaços de identidades, esfaceladas pelo processo colonizador, mas que encontram respostas históricas nas sucessivas hibridizações dentro das novas vozes da literatura.

Estes espaços discursivos são tomados como métodos que contribuem para reivindicar o seu lugar de direito, como sujeitos de sua própria expressão, assim como o faz Mary Grueso Romero nos seus textos.

É ao longo das margens do mar, do seu *entre-lugar*, que Mary Grueso Romero retoma a história dos seus antepassados, reafirma a necessidade dos elos perdidos para retomá-los, para reescrevê-los. Seus poemas nos fazem mergulhar em cenários de luz, cores, liberdade, e paradoxalmente na precariedade ainda existente na sua região. De acordo com a própria escritora:

"En contraste con tanta belleza sobre sus precarios palafitos, ostenta la señal inequívoca de la pobreza. Empero, para sus habitantes vivir al lado del mar es como vivir con el ser querido, y al pie de las cobrizas aguas los niños crecen con la esperanza de un futuro mejor" (ROMERO, 2003).

Talvez pelo fato de viver perto do litoral, o mar para a escritora sempre lhe resultou familiar, enigmático, conhecido e fascinante, um lugar de imensidão e intimidade, uma fonte de muita inspiração para seus versos. Das suas palavras poéticas enxerga-se o mar, que aproxima o leitor das contextualizações entre passado e presente, questiona as antigas certezas impostas pelo colonizador.

Mary Grueso Romero escreve poesia numa linguagem simples e interpreta as imagens litorâneas, a problemática relacionada ao povo colonizado, a natureza do negro e a organização periférica deixada pelos séculos de opressão. Sua herança ancestral está repleta de fatos do passado, selecionados e poetizados, que se transformam em reflexões instigantes. Com seus versos, ela provoca o leitor a um diálogo aberto com as marcas que se cruzam na dramatização das experiências acerca das culturas negras.

Para ilustrar a presença do mar nos seus versos, leiamos o poema intitulado *Voz ancestral*, onde o mar sugere uma leitura sobre o sofrimento imposto pelo colonizador, mas também celebra a mestiçagem afro-colombiana:

VOZ ANCESTRAL

Siento que mi corazón es una marimba
que no hace más que tocar melodías al alma,
el currulao me mueve los pies
y una y otra vez oigo muy cerca
el sonido del guasá repicando en mí
y el bombo me llama desde el otro mar
con voz melancólica exigiendo equidad"

La sangre corre
formando un concierto en mi interior
y de pronto mi boca empieza a lactar
palabra tras palabra
de un canto ancestral.

¡Levántate, negra!,
me ordena una voz
desde lo más profundo de mi interior.
¿No oíste la marimba?, ¿ni tampoco el guasá?,
¿el canuno no te vino a invitar?,
¿el bombo pregonero no oíste sonar?
¡No te hagas la sorda al llamado ancestral!
¡Vamos!, levanta esa frente
y exige al mundo que haya equidad.
(ROMERO, 2003 p. 75)

"Desde el otro mar", não do mar do Pacífico, mas do outro lado do Continente, a África mítica e simbólica não se cita, mas está presente na memória afetiva da escritora; é marca geográfica que corresponde ao seu grito identitário que se abre e recusa as hierarquizações raciais.

A riqueza de elementos da identidade do Pacífico Colombiano, *marimba*, *guasá*, *bombo*, instrumentos híbridos da cultura africana e típicos da tradição negra do Litoral do Pacífico Colombiano, mostram-se aptos a gerar uma reflexão sobre as misturas que se processaram à luz da cultura diaspórica e do hibridismo que abraçaram as culturas dos afrodescendentes. Estes elementos rememoram as raízes identitárias, convertendo-se em música, choro e grito que marcam o ritmo e dão força poética aos versos da escritora e dos que ela representa.

As metáforas marítimas, juntamente com os demais elementos de conexão vital com África se repetem em vários poemas de Mary Grueso Romero. Destes

símbolos brotam o desejo e o entusiasmo de recuperar a consciência e de introduzir uma nova perspectiva da historicidade da cultura negra.

Esta relação tão intensa com o mar levou a poeta a transformá-lo no seu principal cenário, porque através do mar transitam suas memórias de onde chegam e saem, para serem poetizadas. De acordo com a própria poeta, "el mar es el eje temático que transversaliza todo o la mayor parte de mi trabajo literario" ¹¹ (ROMERO, 2016).

Ao ser questionada sobre o valor simbólico do mar na sua poética, Mary Grueso Romero considera que:

El mar para mí es una de las maravillas más grandes que Dios creó, lo tengo al alcance de mis manos, lo puedo ver desde sus diferentes aristas sentirlo en la realidad y en mis sueños, partir de la experiencia táctil y visual, puedo crear metáforas de diferentes colores y formas y tiene una relación muy directa con mi nombre, usted lo puede descomponer y nos da doblemente el mar: Mar y Mar¹² (ROMERO, 2016).

Este mar de evocação de tantas memórias nos seus versos refletem também tons de tristeza que "con voz melancólica (...) continua (...) exigiendo equidad" (ROMERO, 2016). Apesar dos inúmeros elementos que estão carregados de ritmos, Mary Grueso Romero afirma no seu verso que: "Siento que mi corazón es una marimba que no hace más que tocar melodías al alma, el currulao me mueve los pies/y una y otra vez oigo muy cerca/el sonido del guasá repicando en mí" (...). No poema "El bombo toca", fornecendo ritmo, mas também protesta por igualdade. O potencial dos seus versos celebra a vida, criatividade e resistências e cobra maior participação negra na sociedade.

Na última estrofe do poema, a escritora estabelece um diálogo com ela mesma e seu coletivo, fazendo questionamentos sobre o sentido de ser negro como aquele que sofre as dores da discriminação, e por isso, ela cobra visibilidade quando diz: (...) ¡Levántate, negra!, me ordena una voz/desde lo más profundo de mi interior/ (...) "¡Vamos!, levanta esa frente y exige al mundo que haya equidad".

A escrita da memória viva de Mary Grueso Romero é um *entre-lugar* de relações interculturais, onde dançam ritmos, novos sentidos, laços conflitivos que

¹² Resposta dada por Mary Grueso Romero quando questionada via e-mail sobre o que para ela significava o "mar" (20/02/2016).

acontecem na sua comunidade, modos de vida e harmonia com o mar que a cerca para conscientizar seus leitores para aceitação das diferenças.

Do seu *entre-mar*, a escritora procura manter viva e acesa a esperança de reescrever a sua identidade negra, tão agredida e discriminada pela ideologia do discurso colonial, mas que na sua poética retoma a história perdida e encontra nos símbolos marinhos uma fonte viva para suas criações. Sobre estes textos pós-coloniais, nos afirma Bhabha:

(...) nos textos pós-coloniais, o problema da identidade retorna como um questionamento persistente do enquadramento, do espaço da representação, onde a imagem - pessoa desaparecida, olho invisível, estereótipo oriental - é confrontada por sua diferença, seu Outro (BHABHA, 2013, p.87).

No intuito de rechaçar o discurso do colonizador e reaver a identidade negra, a escrita de Mary Grueso Romero retoma o questionamento do espaço da representação, conforme cita Bhabha, e os versos dela acabam exercendo um papel fundamental, pois estimulam as lutas contra o domínio daqueles que por séculos se enxergaram como superiores ao negro.

A utilização do mar como cenário discursivo reproduz a angústia do ser negro hibridizado e diaspórico, na tentativa de evocar as agressões que os antepassados viveram.

Captar através da poesia a força das culturas diaspóricas tem ajudado a fundar e redefinir novas interpretações sobre identidade, espaço e história.

As compreensões destas vozes têm sido objeto de interesse de diversos pesquisadores, sobretudo, se considerarmos estes textos sob a ótica de Gomes Torres, que de forma semelhante atesta que:

Em meados do século XX, além da literatura ficcional e poética, os espaços discursivos alargam-se também no discurso crítico. Novas vozes, a partir das periferias do mundo e nas margens dos espaços culturalmente consagrados fizeram-se ouvir, exigindo participação ativa no campo cultural. Os 'outros' povos e culturas (em relação à Europa), percebidos inicialmente a partir das franjas dos oceanos e, desde o Iluminismo europeu, examinados com crescente interesse, passaram a reivindicar o seu lugar de direito, não só como objetos de estudo, mas também, e principalmente, como sujeitos e autores de sua própria expressão (GOMES TORRES, 2008, p. 130).

Em consonância com o que afirma Gomes 2008, o efeito da palavra poética de Mary Grueso Romero, "a partir das franjas do seu oceano", faz-se ouvir e luta

para fortalecer a imagem da sua identidade e do seu entre-mar, porque existe uma voz interna da sua *Negritude* para lembrá-la: "¡Levántate, negra!"

Mary Grueso Romero, a partir do seu entre-mar "une dos de las corrientes más fuertes de su poesía: su identidad creadora y su amor por el litoral y el mar".

4.2 A POESIA ENTRE O AMOR E O EROTISMO, LA OTRA CARA DEL TRABAJO DE MARY GRUESO ROMERO

Ainda que a poesia erótica não seja o foco principal do trabalho de Mary Grueso Romero, por aí também transitam seus versos. Um erotismo que nasce do encontro entre corpos, assim como nascem outros tantos corpos quando se juntam as palavras. Segundo Ágüida Rayo, esta outra cara da poética de Mary Grueso Romero sugere: Cuerpos que se buscan y se encuentran como la marea a la orilla (RAYO, 2014, p.1)

Nesta outra faceta do seu trabalho poético, Mary Grueso Romero empreende uma viagem a fundo no seu corpo de mulher negra, madura e porta-voz de outras tantas mulheres. Seus versos falam de sentimento, erotismo e palavras de uma mulher que usa a linguagem poética para navegar em volta da sua imaginação, erotismo, sensualidade e subjetividade.

Para ilustrar o erotismo e os elementos paisagísticos dominantes nesta outra vertente da poesia de Mary Grueso Romero, aludo a *Huellas* e *Añoranza*, dois poemas bastante reveladores de uma mulher negra apaixonada e sofrida. Ambos poemas se encontram publicados no livro *Tómame antes que la noche llegue* (2014), livro que será abordado com mais detalhes no próximo tópico deste capítulo.

O erotismo que pretendo tratar aqui, temática bem humana, personificada na Grécia antiga com o deus *Eros*, diferencia-se entre sexualidade e sensualidade, porém ambos são produtos do corpo humano. É importante ressaltar que, diferentemente da pornografia, o erotismo se envereda por outros caminhos; não separa o amor sensual do romantismo que o justifica, e ressalta o aspecto sublime da paixão que provoca atração e reação emocional. Segundo Bataille, "Os corpos se abrem para a continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentimento da obscenidade" (BATAILLE, 1987, p. 14).

O erotismo na literatura tem alguns precedentes. Desde a antiguidade, sua manifestação, apesar dos valores cristãos e moralismos impostos pela religião, que condenavam o culto e feições ao corpo, o erotismo conseguiu trafegar em meio "à moral e aos bons costumes", transgredindo nos mais diversos tipos de arte e literatura, e convertendo-se posteriormente em terreno fértil para estudos e análises de autores contemporâneos.

Assim, com este foco e ainda apoiando-me em discussões pós-modernistas, uma linha escolhida para esta pesquisa e condizente com as formações sociais e culturais diaspóricas que se construíram na América Latina, procuro aqui abordar o erotismo em alguns versos de autoria de Mary Grueso Romero.

A partir das noções teóricas do etnólogo e filósofo francês George Bataille no livro *O erotismo* (1987), sobre as múltiplas nuances do erotismo, e com olhos voltados para o erotismo ligado ao amor, à beleza e à sensualidade, falaremos aqui do erotismo que transgride através da sua própria linguagem, e que revela, de alguma maneira - além da beleza e sensualidade - a morte e a solidão.

Bataille faz um estudo sobre as relações entre o amor, entendido como *Eros*, quer dizer, como a plethora sexual, erótica e amorosa sem nenhuma separação entre estes, a transgressão e a morte. Para ele, e com base nas teorias de Freud, Marcel Mauss, Durkheim e Levi-Strauss, o erotismo é o poço fundamental de onde brota não só o desejo erótico, mas também o impulso e a necessidade de transgressão da lei - transgressão entendida como supressão do que é proibido e que, para ele: "(...) rompendo a crisálida, o homem tem consciência de se rasgar a si mesmo e não a resistência colocada de fora" (BATAILLE, 1987, p 26).

De acordo com Bataille, há muito tempo os homens falam aberta e longamente do erotismo. O erotismo é para Bataille, a chave para desvendar o aspecto mais fundamental e determinante da natureza humana. É para ele: "(...) Aquele ponto em que o homem é ao mesmo tempo social e animal, humano e inumano, além de si mesmo" (BATAILLE, 1987, p 7).

O autor alega que, sendo o erotismo uma força ligada à vida, ao prazer fugaz, goza de mesmo privilégio que a poesia, porque busca transgredir ao próprio limite e por meio da própria linguagem.

A poesia, segundo Bataille, conduz ao mesmo ponto como cada forma do erotismo; conduz à indistinção, à fusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, à morte, e pela morte, à continuidade (BATAILLE, 1987, p.18).

Ao selecionar versos para justificar este tópico, deparei-me com a fusão entre memória, poesia e erotismo, uma memória em virtude do tempo, do lugar e subjetividade de Mary Grueso Romero. Uma memória que se ressemantiza no seu corpo de mulher negra, fortemente vinculado às dores caladas e ausência de quem muito amou e que revela a inteira significação do ser amado implicando "à morte dos seres descontínuos" (BATAILLE, 1987).

É pertinente ressaltar a dor do luto que vivenciou e o espaço vazio deixado pelo seu esposo. Essas marcas de saudade são retomadas na sua escrita como forma de transgredir, ressignificar-se, recursos que a escritora usa para expurgar a tristeza que ainda carrega. Com a morte de seu esposo, Mary Grueso Romero se descobre poeta. Como ela mesma afirma numa entrevista concedida ao jornal *El tiempo/Colombia*:

"La muerte y la pérdida, me hicieron poeta", dice Mary Grueso Romero, poeta afrocolombiana, para quien la muerte de su esposo hace 25 años la obligó a plasmar su pena. Así fue como descubrió el poder de las palabras en el proceso de sanación (ROMERO, 2015).

Percebe-se que a relação íntima da escritora entre "el amor y el erotismo" está também ligada à morte do esposo, a vontade de presentificar o tempo passado, as cenas vividas e lembranças perdidas, memórias essas constantemente evocadas e eternizadas nas suas palavras, ganhando contornos e tons *performáticos* na sua escrita. Talvez fosse pertinente questionar a própria Mary Grueso Romero: Mas por que poetizar uma realidade dolorosa?

Mary Grueso Romero, com alusão direta ou com jogos metafóricos, celebra o direito da mulher de poder falar do que sente e da sua sexualidade, uma sexualidade que é sinônimo de infinito, porque deseja eternizar os momentos vividos, e encontra na poesia uma via para entender os mistérios do erotismo do ser feminino.

Cabe aqui destacar que Mary Grueso Romero, para além do que representa como mulher negra, é a própria protagonista do corpo que tematiza nos seus poemas; ela o descreve com plenitude, com sentimento de amor, contando-nos, de forma aberta e sem tabus, sobre os encontros íntimos de paixão, desejo e amor carnal.

Usando expressões diretas, verbos que pregam o prazer e a satisfação sexual, a escritora celebra seu corpo com imagens metafóricas, plenitude vital antes

e depois de sentir-se rodeada pela morte. A morte do que é descontínuo, mas que de alguma maneira busca uma continuidade no presente ao ser eternizado na sua poesia, sugerindo um erotismo capaz de estabelecer contrastes entre o ser e a realidade que a circunda, vendo-se assim, em meio a possibilidade de expressar uma cotidianidade que lhe foi arrancada, tomada pela ausência, mas que se prolonga na linguagem erótica dos seus versos como uma saída para aliviar a saudade do ser amado.

O eu-poético erotizado e subjetivo de Mary Grueso Romero, observa o corpo como uma tela de cinema, com um tom nostálgico e, às vezes, triste. O que a faz muitas vezes clamar para que a realidade não seja a morte, senão a própria vida, para que a mesma possa perdurar cercada de reminiscências do ato amoroso e sexual implícitos nas suas memórias e versos.

A nudez erótica dos versos de Mary Grueso Romero se revela prazerosa, bela para um eu-poético que evoca sensações passadas, um grito desesperado, mas que cala e chora ao perceber que seu pedido não pode ser atendido. É o que nos revela Rayo, para quem:

Mary Grueso Romero despierta de su ensoñación de tejer el mundo con palabras. Despierta porque la aguja la hiere - la aguja metafórica, saca dos gotas de sangre de verdad de su dedo verdadero pero preso al pasado, causando dolor verdadero que le hace llorar, "dos gotas transparentes de aguacero" (RAYO, 2014, p. 2).

Em *Huellas*, um dos poemas eróticos de Mary Grueso Romero, a escritora ilustra o ato sexual de forma metafórica para nos mostrar sua "marea de recuerdos" (...), (...) "Ella es el mundo sacudido por sus propia signos vitales, atormentada por la pérdida, salvada una y otra vez por su própria memoria que anima las palabras y las musicaliza" (...) (RAYO, 2014, p.5).

Neste poema, Mary Grueso Romero nos fala da sua solidão. Nestes versos percebem-se espaços vazios que não se conseguem preencher, uma ausência que brota da morte de quem tanto amou e que atravessa seu corpo, "la herida infringida" no coração da escritora. Analisemos as marcas da ausência do ser amado no poema *Huellas*:

HUELLAS

Huellas,
Rastros de tus pies sobre el lodo...

en el polvo.
 Tu paso por un lugar
 el recuerdo...
 la semilla que sembraste y dio fruto.
 Huellas
 el camino recorrido en ese ir y venir,
 cada una de las palabras pronunciadas
 la marca de tus dedos en mi piel,
 la herida infringida a mi corazón
 y que aún sangra.
 Huellas,
 probeta de cristal
 útero ensanchado...
 tiempo...
 espacio...
 muerte...
 (ROMERO, 2014 p. 90)

Podemos dizer que este poema se divide em três situações: tempo, espaço e morte. Ao que se nota, o tempo passado é presentificado, o espaço é o próprio lugar dos encontros, ou seja, o ambiente da representação erótica e da morte, uma espécie de anulação dos momentos de emoção intensa em que a vida e a morte se encontram e se afirmam.

A poeta nos fala constantemente sobre a experiência dolorosa pela qual teve que passar. Uma "descontinuidade", que conforme Bataille (1987), precisa ser substituída por uma "continuidade profunda", que neste caso, é poetiza e presentificada.

Em *Huellas*, vemos que o tema central é a saudade com cara de tristeza que atravessa o corpo e o coração de Mary Grueso Romero, que projeta a ruptura do erotismo dos corpos e dos corações. Erotismo e solidão se entrecruzam nestes versos porque estão interligados e demonstram a interioridade da escritora.

Para Bataille: "o erotismo leva à solidão". Como ambas estão ligadas a algum tipo de isolamento do ser, na linguagem escrita o potencial do poeta é levado ao extremo como forma de transgredir o silêncio, já que em vez de tentar destruir o que sente ao menos consiga destruir-se na própria linguagem poética.

Na primeira estrofe do poema supracitado, Mary Grueso Romero recria um mundo baseado nas suas lembranças: "Huellas/ Rastros de tus pies sobre el lodo.../en el polvo./Tu paso por un lugar el recuerdo"... . Uma realidade distante que ficou para trás. Um afloramento do sentir, da tristeza que dilacera seu coração, a separação do ser descontínuo, uma projeção da sua subjetividade que a impele a escrever e desabafar.

Este estilhaço gerado pelo corpo que evoca o corpo poético da escritora quer curar-se e curar "la herida infringida", que funde "tiempo", "espacio" e "muerte" (...) como marcas em sua "piel" ; um erotismo tomado pela dor e prazer, que busca alívio e liberdade plena sob a forma de contemplação da linguagem poética.

Sua vocação poética descreve o corpo com elegância e lirismo, como lugar onde a identidade negra é plural e implica um poder libertador. Esta mesma contemplação poética cobra voz e impulso numa expressão literária em que a mulher negra não é mais representada como alegoria, e cujos mistérios do corpo não são vistos pela ótica europeia, excludente, que privava a mulher da palavra e razão, levando-a a fazer da sua sexualidade uma atividade inferiorizada e submissa, um objeto de uso e abuso, como seres degradados. Mott (1988), ao analisar a situação de homens e mulheres negras na sociedade escravista, destaca que:

Embora homens e mulheres escravos fossem reduzidos à condição de coisa, privados de todos os direitos civis, sujeitos ao poder, ao domínio e à propriedade de outrem, o fato de pertencerem ao sexo masculino ou feminino acarretou algumas particularidades a sua situação, refletida nas formas e nas condições de trabalho, nas relações familiares, na socialização, na mobilidade social, na legislação e mesmo nas formas de rebeldia e luta contra a escravidão (MOTT, 1988, p.18).

Conforme afirma Mott, embora habituados a serem tratados como "coisas" e tendo sua sexualidade reprimida e inferiorizada historicamente, o negro conseguiu, por meio de muitas resistências e lutas, expressar através da palavra suas carências e emoções.

A sexualidade, antes reprimida, assumiu outras formas de expressão, ganhou novos contornos, tornando-se objeto de estudo nas artes, trabalhando no sentido de reivindicar seu espaço na literatura como uma forma de linguagem transgressora.

Mary Grueso Romero firma na sua linguagem erótica um *eu* que representa o direito de falar seu eu-poético-negro-feminino. Sua relação com o corpo não tem a ver com a ideia que se tinha sobre a mulher negra escravizada, traumatizada pelas mais diversas violências e atos de submissão. Seu corpo poético ganha autonomia nos seus versos, estabelece outra relação com as sensações que experimenta, procurando romper com visões reducionistas e estereotipadas, pois seu corpo poetizado revela uma nudez artística.

Sobre a vertente erótica nos poemas da escritora afro-colombiana, Rayo (2014) salienta que: "(...) la Mary que vemos está expuesta sin ropajes, enamorada y doliente (...)" (RAYO, 2014. p.9).

No ensaio intitulado "La recuperación del cuerpo de la mujer negra a través de la parodia en dos cuentos de Mayra Santos-Febres", a pesquisadora Solymar Torres-García discute sobre um "novo erotismo" da mulher negra atual, com voz própria, que, segundo ela "(...) les permite iniciar relaciones afectivas significativas con los demás" (TORRES-GARCÍA, 2015, p.3).

Para a pesquisadora, este "novo erotismo" abandona concepções estereotipadas, ganha novos contornos e formas de expressão. Ou seja, não mais se apoia em ideias ultrapassadas, tais como:

La dicotomía entre el cuerpo y la mente basada en la concepción de una identidad estable y unitaria de Descartes y las ideas positivistas del siglo diecinueve que reducen al ser humano a un objeto de estudio han significado para las mujeres negras la asociación con un erotismo malsano convertido en fetiche (TORRES-GARCÍA, 2015, p.7).

O "novo erotismo" sugerido por Torres-García se alinha em grande medida com o discurso de Bataille para quem o erotismo é transgressor, pois reconecta o corpo da mulher negra com raízes, história e afetividade, e permite explorar territórios internos e externos, que não imobiliza o seu ser, pelo contrário, faz fluir seu íntimo. Para Bataille "Toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos falta" (BATAILLE, 1987, p.14).

Mary Grueso Romero, através das sensações de seu corpo, "la marca de los dedos en su piel", "la herida infringida en su corazón" nos fala de um amor que "aún sangra" (...) (ROMERO, 2014, p.90). Para Rayo: "ella tiene el coraje de revelar su ser más íntimo, la cavidad de su buque donde respira con sus pulmones de huracán, donde late su corazón fervoroso y fiel" (RAYO, 2014, p. 18).

Em outro poema de Mary Grueso Romero, intitulado *Añoranza*, cujo tema também navega entre o amor e o erotismo. O elemento erótico dos seus poemas nos mostra uma Mary Grueso Romero que, nas palavras de Ágüida Rayo: "(...) vive adentro de su propio sentir, (...) una mujer adentro que contempla su vida, que ama intensamente reconociendo que el amor siempre se pierde, se aleja o se extingue" (RAYO, 2014, p 4).

Vejamos a exaltação dos sentidos eróticos no poema transcrito abaixo:

AÑORANZA

Te doy la libertad que me pintes a tu manera
 que tatúes mi piel
 con suspiros, caricias y silencios.
 Que te adentes en mí
 en ese espacio que preparaste,
 con deseos reprimidos
 y que fuiste deshojando, poco a poco,
 hasta abrir en mi interior
 una grieta,
 donde en este momento, corre sin parar
 el río de mis deseos.
 Inundando el cauce,
 esparciéndose por el musgo que cubre mi triángulo,
 de vibrante orilla en la isla de mis sueños.
 Solo esperando ...
 que penetres con tu accionar de marea,
 nos perdamos irremediabilmente
 en el remolino de una pasión
 que no tiene reversa.
 Para después en las noches,
 cuando estemos ya viejos,
 vivir de añoranzas
 deshaciendo lazos
 y recogiendo recuerdos.
 (ROMERO, 2014 p. 47)

Añoranza, é um substantivo que equivale à palavra saudade ou nostalgia na língua portuguesa, é também o título de um dos poemas eróticos de Mary Grueso Romero. Neste poema, o momento erótico aparece mais forte e evidente. A poeta com um sentimento eterno de *añoranza*, "con suspiros, caricias y silencio" recupera o prazer por meio da palavra poética. No seu corpo, há dores, saudade e "espacios reprimidos", mas também há, " (...) un río de deseos inundando el cauce (...)".

Neste poema, o amor desejo ou amor *eros*, cheio de afeto, ternura, emotividade e erotismo caminham juntos. E, como sugere a própria Mary Grueso Romero nos seus versos, ela o chama de "un accionar de marea", que faz com "*que nos perdamos irremediabilmente en el remolino de una pasión*" (...) e que no tiene reversa (...).

O erotismo do homem se difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em discussão. Para Bataille, "O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão" (BATAILLE, 197, p.20). Isso implica solidão, e já que muitas vezes impedidos de vivenciar suas

formas de relação com o corpo, o homem permanece isolado na maneira de externar suas emoções.

Apesar de estarem presentes no poemário de Mary Grueso Romero influências do cristianismo, religião sagrada da própria escritora, na sua escrita se entrecruzam embates culturais e "civilizatórios" nos quais podemos perceber a vontade de transgredir o moralismo que esta mesma religião impôs. Um discurso fragmentário e transgressor, que na visão de Hall, é característico dos sujeitos da pós-modernidade (HALL, 2006).

Embora a literatura não possua o poder de substituir a realidade, ela pode, ao menos, realçar aspectos do quanto se tem feito e do quanto podemos revelar a respeito dos poetas que escrevem fazendo uso de uma linguagem transgressora.

Neste sentido, o erotismo poético de Mary Grueso Romero possibilita ao leitor "la libertad" para que "la pintemos a nuestra manera", e sobretudo, possamos permitir liberar e fazer fluir nas suas palavras poéticas o erotismo, que com seu poder mobilizador, consiga dar conta de transcender a linguagem e liberar a mulher, principalmente a mulher negra, dos desejos tolhidos pela escravidão e racismo.

Na opinião de Rayo, Mary Grueso Romero, com seus versos eróticos, ao falar de erotismo: "tiene el valor de desnudarse hasta del lenguaje poético con el que construyó su almanegritud, hasta llegar a una esencia hasta ahora inédita, de escribir de otra manera para acercarse mas a su verdad" (...) (RAYO, 2014, p.9).

Como podemos perceber, o erotismo da palavra e a palavra erótica de Mary Grueso Romero constroem sentidos, que na sua busca por desentranhá-los, se revelam e decifram os mistérios do amor, poesia e liberação acerca do "tiempo", "espacio" e "muerte", numa relação íntima com sua própria história de vida.

Além desses aspectos que se entrelaçam na poética erótica de Mary Grueso Romero, a descrição dos encontros sexuais, do passado feliz, os momentos de prazer e vitalidade e o erotismo presente nestes encontros são maneiras que ela usa para expurgar a dor da morte do seu marido, e poder mostrar uma poesia erótica que engloba a sua capacidade criadora de fazer reviver, por meio da sua poética, outra faceta de seu trabalho e suas experiências mais íntimas.

4.3 MARY GRUESO ROMERO EM: *TÓMAME ANTES QUE LA NOCHE LLEGUE*, A PLURALIDADE DOS SEUS VERSOS E A QUESTÃO DO TEMPO POÉTICO

Considero que o título de uma obra é uma das ferramentas mais potentes de que dispõe o autor para atrair seus leitores, além do que, o título também traz consigo outra função que é a de agregar valor simbólico e estético à obra. Contudo, o título que aparece no livro nem sempre significa que valha a pena adquiri-lo, entretanto, se ao menos consegue chamar atenção pelo que provoca, já é algo que se deva considerar.

Foi levando em consideração o efeito que me provocou o título desta obra, que escolhi utilizá-lo para dar nome para o último tópico deste trabalho e a partir dele esboçar as reflexões neste capítulo que fecha minha pesquisa.

As últimas análises sobre a poética de Mary Grueso Romero serão delineadas a partir de alguns poemas selecionados: *Ojos tristes*, *Anudando ilusiones*, *Ramilletes de recuerdos*, *No te detengas* e *Mi Voz*, poemas bastante ilustrativos e fecundos que se encontram publicados na obra *Tómame antes que la noche llegue* e que tratam das inquietações e denúncias sociais, fugacidade e duração do tempo para a escritora.

Há nesta obra uma combinação de palavras e uma profunda ênfase dada ao instante poético que, segundo Ágüida Pizarro, está ligado à "nostalgia y el dolor de la ausencia los que se evocan a través de la memoria" (RAYO, 2014, p. 4).

Tómame antes que la noche llegue é uma coletânea lançada em 2014 com o apoio do Museo Rayo, e revela uma Mary Grueso Romero que, de acordo com as palavras da diretora do Museo Rayo, "entra en la grandeza como una nave a su puerto" (RAYO, 2014, p.1).

Esta obra não só reúne alguns poemas de cunho erótico, como também abarca temas dos tempos descontínuos, rotos, da experiência pessoal e histórico-social da escritora, e onde a escritora trabalha com mais ênfase os elementos culturais da sua região, "um lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos" (GARCÍA CANCLINI, 1997 apud ORTIZ, 2012, p. 178).

Nestes espaços de hibridização cultural, espaço de mestiçagem, e ainda da desordem e contradições sociais transitam alguns poemas, cuja temática traça um panorama da difícil realidade social dos negros da sua região. Como exemplo,

podemos citar *Ojos tristes*, cuja temática trata do *entre-lugar* e nos fala a respeito do "não-lugar" (ORTIZ, 2012) e do mundo periférico da sua região. Vejamos:

OJOS TRISTES

Que ojos más tristes he visto en la calle,
niños deambulando y sin porvenir,
caminan, caminan, rucios de hambre
sin techo ni abrigo, ni para dónde ir.
Su cara sucia y cubierta de harapos,
pidiendo una limosna que nadie les da,
porque todos cuidan muy bien su cartera,
por miedo que en un descuido
él la robará.
Que ojos más tristes
he visito en la calle
mirando impávidos
la navidad,
son desplazados
que huérfanos de todo
ni siquiera una lágrima
los viene a auxiliar.
(ROMERO, 2014 p. 21)

Nos versos acima podemos ver uma tomada de consciência mediante a qual Mary Grueso Romero faz uma crítica explícita, porém compassiva do espaço físico e social da região onde vive. Em *Ojos tristes*, ela se preocupa por mostrar uma poesia que reflita a história e composição social do Pacífico Colombiano. Estes versos denunciam a pobreza e injustiça sociais a que muitos habitantes estão submetidos. Como figura nos últimos versos. "(...) son desplazados/que huérfanos de todo/ni siquiera una lágrima/los viene a auxiliar.

Neste poema, Mary Grueso Romero chama atenção para a situação das comunidades afrodescendentes, os estigmas que esses agentes culturais enfrentam, muitas vezes ignorados que, segundo a própria escritora, ainda se encontra "deambulando y sin porvenir/caminan, caminan, rucios de hambre sin techo ni abrigo, ni para dónde ir".

Ao trazer à baila a situação de discriminação e desigualdade, a escritora faz uso da palavra para cobrar atenção sobre os problemas sociais da sua região. Na luta por dar maior visibilidade à sua comunidade cultural, com seu significativo projeto literário, a escritora vem abrindo ciclos de debates, promovendo intercâmbios poéticos, dentro e fora da sua região, no âmbito nacional e internacional, divulgando levando ao conhecimento de outras culturas as experiências de sujeitos culturais

que se aglutinam no dia a dia, mas que ainda se constroem nas margens. Uma angustia bem característica do sujeito, que segundo Hall (2014), caracteriza-se por "ser fragmentado, deslocado e plural da pós-modernidade".

Nesta coletânea, encontram-se igualmente memórias que abarcam grande parte das metáforas significativas e subjacentes da subjetividade da cultura afro-colombiana, que na opinião de Rayo: "(...) es un manifiesto poético que reivindica el derecho que tienen la mujeres de revivir en palabras su experiencia más íntima" (...) (RAYO, 2014, p. 6).

Esta outra forma de sentir a vida e o entorno confere ao discurso de Mary Grueso Romero uma habilidade para poder escrever sobre a tarefa de viver e refletir acerca das cicatrizes do tempo e do que viveu, confissões que a levam a poetizar a própria história, indagar sua própria existência e de outros.

No prólogo da obra *Tómame antes que la noche llegue*, Rayo usa as seguintes palavras para explicar o itinerário que empreende Mary Grueso Romero nesta obra: "Además de reflexionar acerca del tiempo y del amor en esta obra, Mary indaga sobre la existencia misma, llegando a elaborar una metafísica inseparable del cuerpo y el deseo" (RAYO, 2014, p. 7)

Ainda que haja um considerável número de poemas eróticos em *Tómame antes que la noche llegue*, esta coletânea também tematiza outros problemas vividos pelos negros, e indica que a autora empreendeu uma viagem de exploração na sua condição de mulher negra, porta voz cultural e poeta, revelando e desenvolvendo novos argumentos com relação a sua herança "transplantada da África" (REIS, 2010).

Com voz mais madura, Mary Grueso Romero oportuniza ao público-leitor um passeio pelas complexidades dos sujeitos diaspóricos, "deslocados e fragmentados" (HALL, 2014), uma contribuição inesgotável, proveniente dos diversos temas implicados na sua poética e instigadora de reflexões e estudos.

Articulando a questão do existencialismo para entender sua subjetividade, suas representações coletivas, seus desejos de identificação e imaginação criadora, Mary Grueso Romero nos apresenta um discurso com temores e inquietações que, num mergulho interior, eleva sua consciência para traduzir os sentidos da sua condição e sua representação de mulher negra e poeta, que cobra e reivindica o seu instante poético, porque, a exemplo do que diz Hall, "Todo meio de representação -

escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização etc - deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais" (HALL, 2014, p. 40).

A relação de Mary Grueso Romero com o tempo está enfaticamente ligada às experiências e memórias na maioria dos poemas. Tão fascinantes quanto dolorosas, as lacunas e os espaços vazios deixados pelo tempo se abrem na sua poética e ajudam para que ela construa histórias rodeadas de saudade, porque a escrita acaba sendo para ela um instrumento de revolução e transgressão das emoções.

Enquanto leitor e pesquisador da poética de Mary Grueso Romero, podemos observar aspectos marcantes: as mudanças que se delinearam nas sociedades pós-modernas e que vêm ganhando mais força e espaços discursivos para os descendentes de sujeitos escravizados. Sobre estas mudanças, o sociólogo Anthony Giddens tece algumas considerações:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que as mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana... (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2014, p13).

Outra característica que podemos sublinhar nos poemas reunidos nesta coletânea é a intensidade com que a escritora confronta passado e presente, para refletir acerca dos cruzamentos históricos, as tensões sociais e raciais herdadas do período colonial e que se prolongam na contemporaneidade.

A partir da necessidade gerada pela diáspora, entre contrastes e misturas, variadas transculturações, a escritora não só critica a hierarquia dos valores coloniais incorporados às sociedades de raízes negras, mas também reverencia sua condição híbrida. Modos de vida que se assemelham aos argumentos do teórico Giddens quando afirma que: "Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações" (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2014, p. 12).

A perpetuação destas simbologias e valores tradicionais ajudam na preservação da memória e marcam o lugar de onde se quer falar. Tais argumentos condizem com as palavras de Giddens, para quem:

A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2014, p. 13).

Por meio da palavra poética, Mary Grueso Romero cria novas instâncias temporais, as quais correspondem aos anseios humanos de uma escritora consciente do seu papel como representante das comunidades negras do Pacífico Colombiano, inserida numa reflexão pós-moderna, pensando criticamente sobre sua história e acreditando que, ainda que haja "Ojos tristes" (...) "niños deambulando y sin porvenir", ela sempre vislumbra em seus poemas um espaço de contato entre a esperança, sonhos e possibilidade de transformação.

Podemos observar que no discurso destes "novos aspirantes da pós-modernidade". O sujeito sociológico, na visão de (HALL, 2014): "compõe um repertório, cujo desejo é o de voltar-se para o interior humano, por conta das desilusões e dos processos do período pós-colonial". Na poética de Mary Grueso Romero, insere-se uma linguagem transgressora das suas fronteiras culturais, a identificação com seu *entre-lugar*, sua memória local e de representações coletivas. Alinha-se a este discurso a afirmação de Sosa quando defende que:

"Bajo la tensión de letras, tales experiencias vienen a ser articulados los conceptos de una modernidad periférica heterogénea, noción que según los respectivos teóricos, luce matices distintos" (SOSA, 2009, 356).

A morada da poesia e o espaço do sentir de Mary Grueso Romero concentram-se nas regiões mais profundas do seu *entre-lugar*. Para entender e ilustrar tais elementos que compõem o lugar de percepção da poeta, e procurando manter um diálogo claro com relação a esta obra, citarei trechos de outro poema que se encontra também publicado na coletânea.

O poema se chama "Anudando ilusiones". Nele, Mary Grueso Romero elabora uma viagem por mundos desconhecidos. "Desatracando su velero", ela empreende uma viagem imaginária, um itinerário que ela encontrou: "en amarillentas páginas de libros viejos". Do *seu local da cultura* (BHABHA, 1998), do Litoral de Buenaventura, sua imaginação flui e ela se deixa levar a mundos distantes. Abastecida de elaborações mentais e metafóricas. Nos primeiros versos, a escritora pega um "bastidor, hilo y aguja" e começa "a tejer ilusiones", porque está "cansada

de sus recuerdos", "de sus noches de desvelo" e solidão. Sonhando com diferentes destinos, visitando simbolicamente diversos povos e culturas, ela nos comunica sentimentos profundos e navega por vários destinos, mas, de repente, "la aguja metáforica" a desperta para o momento presente e "un grito de dolor" a convida a voltar à realidade, porque "al enredarse la aguja en el dedo", (...) "dos gotas de sangre" a furam, "manchas escarlatas" sujam o tecido, e a fazem chorar. (...). Mary Grueso Romero desperta do sonho de ilusões e "dos gotas transparentes de aguacero" caem do seu rosto, porque enquanto entrelaçava fios de ilusões, mente, corpo e natureza viajavam através do seu imaginário poético interligando passado e presente, mas a agulha a faz perceber que ela estava apenas "Anudando ilusiones".

Estes versos mostram que Mary Grueso Romero tece com palavras criativas aquilo que deseja recuperar, os sonhos que deseja retomar, mas que não estão ao seu alcance real, porém acessíveis na simbologia dos seus versos.

Numa análise mais atenta do texto, apontaria para várias possibilidades de leitura e interpretação, pois, além da riqueza metafórica que o poema proporciona, podemos perceber o potencial criativo do trabalho da escritora. Para mostrar tais características, vejamos apenas a primeira e segunda estrofe deste poema:

ANUDANDO ILUSIONES

Quise dejar atrás el pasado,
 decidida, tomé el bastidor,
 hilo, aguja y tela.
 Y empecé a tejer ilusiones,
 cansada de mis recuerdos,
 de mis noches de desvelo,
 donde no ha aparecido una palabra nueva,
 un rayo de luna,
 ni un te quiero.
 Imité a las arañas en las cuevas de mis deseos,
 y elaboré un itinerario de viajes
 por mundos desconocidos
 que encontré en amarillentas páginas
 de libros viejos.
 (...)
 (...)
 Un grito de dolor
 me volvió a la realidad
 al enredarse la aguja en el dedo
 manchas escarlatas adornaron la tela
 mientras de mis ojos saltaban al espacio
 y caían al costurero
 dos gotas transparentes de aguacero.
 (ROMERO, 2014 p. 1)

No poema acima, em meio a sonhos e ilusões, prazeres e estímulo de sentidos, a poeta começa a "tejer ilusiones". Entretanto, a furada da agulha a faz retornar à realidade para lembrá-la que não se pode negar a realidade nem a presença do tempo; não se pode abafar o grito guardado na alma, mas se pode eternizar a palavra encantada da poesia e romper as amarras da efemeridade humana. E mesmo apesar das "manchas escarlatas", é possível continuar "Anudando ilusiones" poéticas.

Ao selecionar os poemas para este tópico, pude perceber que a questão do tempo é uma constante na vida e arte poética de Mary Grueso Romero. A maioria dos títulos faz menção ao tempo, não ao tempo objetivo, cronometrado ou científico, mas sim ao tempo poético e sentimental, ao qual a poeta associa suas memórias afetivas. Dos poemas selecionados e ligados ao fator tempo, podemos citar: *Ramillite de recuerdos*, *No te detengas* e *Mi voz*. Todos eles retomam símbolos e imagens do ontem: um passado pleno de significação e ainda presente na alma da poeta.

Nestes poemas, o tempo assume diferentes conotações poéticas. Isso dialoga com os argumentos da pesquisadora Claudia Borges, que no seu artigo intitulado *Tem(po)esia – o tempo na poesia lírica moderna*, aborda a questão do tempo na poesia. Para ela:

O poder temporal da palavra poética. Indiferente às especulações decorrentes de se medir o tempo, ou mesmo de defini-lo quanto à sua natureza, a poesia lírica – excelência do "eu" – o executa, vivencia, subverte, resgata, instaura e transcende (BORGES, 2008).

Em todos os poemas citados aqui "o poder temporal da palavra poética" surge em forma de "memória indelével" de que nos fala a ensaísta. Através do tempo poético que vibra e pulsa nos versos, coisas são lembradas com a esperança de que outra vez aconteçam.

Em "Ramillite de recuerdos", por exemplo, Mary Grueso Romero lança um pedido ao tempo sobre a saudade do ser amado: (...) Ela clama "Para que la ausencia no lime esos momentos que hicieron nido en el viento/ paso a paso y lentamente"(...). E ela roga para que permaneçam os seguintes elementos afetivos: "Un beso, un poema y las canciones en un ramillite de recuerdos". Neste poema, a escritora valeu-se das lembranças guardadas na memória e as incorporou à realidade do tempo presente, acreditando na perenidade do momento passado, e

deste modo ela desafia os limites do poder temporal. Vejamos o poema completo para melhor compreensão:

RAMILLETES DE RECUERDOS

Desde los arrecifes coralinos
he querido beberme tus silencios
amargos como la sal y
dulces como tus recuerdos
que danzan en mi mente
cuando oigo las canciones
que compartimos en el lecho.

Para que la ausencia
no lime esos momentos
que hicieron nido en el viento
paso a paso y lentamente
con cada uno de tus besos
que en la soledad de mi estero
recorren los poros de mi cuerpo

No sé en que momento
Anclaste tu navio en mi costado
no sé en qué momento
fuimos tú y yo uno solo
para después en cada noche, reunir en el lecho
envolviendo en mis brazos la almohada
tu perfume,
un beso, un poema y las canciones
en un ramillete de recuerdos.
(ROMERO, 2014 p. 9)

Na escrita poética, cada autor carrega sua própria concepção de tempo e fatos lembrados, reinterpretados e revividos com temores e esperanças futuras. Neste sentido, na poesia, em especial nos poemas de Mary Grueso Romero, com seu lirismo, a poeta afro-colombiana, consciente da fugacidade do tempo, procura evocar e manter vivas suas memórias e as do ser amado.

Outro exemplo bem marcante que dialoga com a questão temporal na poesia se chama *No te detengas*. Entre verbos no imperativo, linguagem erotizada e memórias como garantia da presença do "outro" no agora, Mary Grueso Romero procura subverter o tempo e o converte em tempo em um "sin prisa" ,"con afán lento", mesmo tendo total consciência de que o resgate das sensações logo passará e que a imagem do ser amado se "extraviará", "en la oscura cavidad de (su) silencio". E pede para que ele "no (se) detenga(s)".

Ao revelar suas lembranças, ela apressa o ser amado: "(...) ¡Hazlo! no te detengas/deja que tu caudal/aumente el nivel/de mis mareas/y sin ataduras, libremente/poder ser el cáliz/donde reposen tus mejores esencias (...)".

NO TE DETENGAS

¡Hazlo! no te detengas
acerca tus labios a los míos
sin prisas
con ese afán lento...
y recorre a piñizcos de besos
el mar de olas
de mi ondulante océano.
Y mis labios...
de tibia dulzura sienten
la calidez de los tuyos
penetrando...
en esa pasión contenida
de mi entrega primera
y esa caricia larga
que detiene el tiempo.

¡Hazlo! no te detengas
deja que tu caudal
aumente el nivel
de mis mareas
y sin ataduras, libremente
poder ser el cáliz
donde reposen tus mejores esencias.

Y abrazada con todas mis ansias
a tu vibrante cuerpo
viajaremos en ese velero
de explosiones y sensaciones nuevas
en donde sigas buscando a tu antojo
aumentar el placer
en mis recodos secretos.
Hasta que te extravies
en la oscura cavidad
de mi silencio.
(ROMERO, 2014 p. 15)

A respeito do tempo na poesia e em diálogo com os poemas anteriores, nos afirma Borges: "Não se deve desprezar a palavra encantada da poesia, a romper as amarras da efemeridade humana" (BORGES, 2008, p. 112).

O último poema selecionado para este tópico se chama *Mi voz*, outro exemplo vivo de como a questão do tempo e poesia imbricam-se porque revelam os aspectos significativos da existência humana e instâncias temporais poéticas. Vejamos um trecho bem ilustrativo destes elementos:

MI VOZ

Si buscaste mi voz
 en los esteros
 y no lo pudiste hallar
 ponle cuidado al viento
 y así me encontrarás.
 Cuando esté la marea llena
 a punto de bajar
 el viento que lleva mis versos
 seguro te enseñará
 donde poderme encontrar
 si en la playa
 o en el muelle,
 o en las raíces del manglar
 o tal vez en los peñascos
 o en una cueva donde se estrella la mar.
 Allí te esperaré siempre
 para cuando me quieras encontrar
 y así cerremos la historia
 del pasado que no volverá
 y que noche a noche,
 día a día,
 no me deja
 vivir en paz.
 (ROMERO, 2014 p. 52)

Sob o efecto das metáforas do litoral: "esteros/viento/marea/playa/muelle" e "las raíces del manglar", Mary Grueso Romero invoca, convoca, provoca o tempo, reconstituindo nos seus versos sensações, sentimentos antes experimentados, e procurando amenizar a angústia existencial, ao tentar encontrar na poesia uma maneira de fugir da urgência inexorável do tempo físico, pois, conforme adverte ao ser amado: "el viento que lleva mis versos/seguro te enseñará/donde poderme encontrar/si en la playa/o en el muelle/o en la raíces del manglar/o tal vez en los peñascos, (...) y así cerremos la historia del pasado que no volverá (...).

O fator tempo é uma constante na arte poética de Mary Grueso Romero, e é justamente no verso que esse tema assume diferentes conotações e faz transcender os anseios humanos.

A problematização do tempo parece não disvincilar-se da poética de Mary Grueso Romero. Suas memórias existem inseridas na sucessão de momentos e fatos pessoais, porque compreender o que é o tempo na poesia é compreender a relação com as coisas lembradas, desejos, coisas temidas e esperanças futuras de que possam vir a atender as exigências do presente.

Nos versos de Mary Grueso Romero, a dimensão temporal, não-cronológica, irrompe por meio das reminiscências e remete-se ao tempo poético do qual a palavra reencena o passado e introduz imagens, sons e sentimentos que estão representadas por meio da sua memória afetiva e imaginação.

Ao poetizar suas histórias, a escritora reúne tempos e espaços deixando o leitor a par sobre as imagens que se fixaram na sua alma e que se ressignificam em função dos rastros que correspondem às lembranças que a escritora procura evocar e representar.

A relação do tempo com seus encantos e desencantos permite que a escritora encontre nos seus versos um refúgio para lidar com suas lembranças e emoções mais íntimas, a dor da saudade e a ausência do ser amado, além de propor uma reflexão acerca da temporalidade na sua poesia, suscitada pelo valor da memória e a capacidade de eliminar a noção de causalidade entre os eventos e a plena significação de quando os viveu, retomando as imagens e símbolos para que o eu-lírico alcance o passado e este lhe chegue até hoje através da palavra poética.

5 (IN) CONCLUSÕES

Todos nós carregamos de alguma maneira concepções e parâmetros mentais sobre coisas e pessoas, e como estes deveriam ser em um plano ideal. Insistimos, às vezes, consciente ou inconscientemente, em conservar conceitos e discursos infundados ou até mesmo ultrapassados que nos levam a reduzir e inferiorizar a condição do outro, impendindo-o e forjando-o a se encaixar em modelos (eurocêtricos) historicamente preestabelecidos.

No lugar de posturas limitadas e discursos radicais, que em nada nos engrandece, é preciso que nos conscientizemos de que não existem modelos ideais no tocante às relações humanas, pois é vã toda e qualquer tentativa de anular ou negar o direito do outro de ser como é com sua heterogeneidade e diferença.

A vida muda a cada instante. Instabilidades eclodem a todo momento e é preciso que reflitamos sobre essas atitudes paternalistas e dominadoras que foram introduzidas nos nossos valores históricos e comportamentais.

Ao abandonar estereótipos, buscamos equilíbrio, nos abrimos a novas experiências e abrimos caminhos para que a *otredad* possa apresentar-se e conceber-se a si mesma. A partir de uma simples mudança de comportamento, o que parecia sólido, estável e irredutível, pode dar lugar a diferentes releituras e interpretações.

Portanto, à medida que estas novas relações se estabelecem, a presença do outro é acolhida, não sendo inferiorizada ou reduzida, mas culturalmente respeitada, tornando-a, assim, uma luta de fato e um importante artifício no combate contra a discriminação, seja ela qual for.

Neste sentido, a poética de Mary Grueso nos faz refletir que é possível uma leitura compensatória sobre o passado de dor, exclusão e discriminação que foi imposto ao seu grupo sociocultural *híbrido*, pois rompendo com esses imaginários do colonizador, a autora mostra com seu trabalho que o diferente/diverso não é sinal de incompetência, mas sim um leque de muitas possibilidades.

O trabalho poético de Mary Grueso Romero nos possibilita múltiplas releituras críticas a partir de diferentes conceitos teóricos, tais como: hibridismo, *otredad*, transculturação, identidades culturais e negritude, que tentam dar conta das formações culturais da América Latina e instigam debates sobre o que o outro quer

dizer e tem a dizer, e de forma enfática nesta pesquisa, o que a mulher negra produz em termos de literatura, suas formas de representação e a reelaboração dos seus símbolos nas suas relações sociais.

Longe de ser apenas uma proposta utópica de discussão, o olhar sobre a *otredad* em um mundo de identidades diversas e descentração de sujeitos ditos estáveis, nos possibilita uma discussão para que saíamos das nossas visões limitadas.

Acredito que quando tematizamos as vozes destas *identidades culturais da pós-modernidade*, estamos, ao mesmo tempo, abrindo espaços para a ampliação e compreensão sobre o discurso dos que ainda se encontram silenciados e ignorados socialmente.

Esta dissertação procurou promover reflexões que apontassem caminhos para a visibilização de escritoras negras como Mary Grueso Romero, cuja história de vida se vincula às regiões periféricas e que assumem um grito poético em defesa da sua etnia, visando, primordialmente, despertar nos seus leitores o respeito e admiração pela sua diversidade cultural.

Esta pesquisa não poderia jamais mostrar todos os anseios desta escritora de expressão negra, considerando a gama de possibilidades de releituras e abordagens sobre seu trabalho. Contudo, meu desejo é que os leitores que ainda não leram Mary Grueso Romero, através do que ela faz e defende por meio de seu poemário, possam sentir-se interessados e convidados a fazê-lo.

Mary Grueso Romero, orgulhosa de ser quem é e de onde é, destaca o *entre-lugar* do sujeito afro-colombiano inserido na própria comunidade negra, mas também em convívio e diálogo com a presença do "branco" que também faz parte da sua sociedade, uma relação que evidencia um sujeito negro que reivindica sua posição discursiva, mas que se abre ao diálogo (re) construindo-se e ressignificando trocas fecundas através de seus textos.

Não posso deixar de fora meu sentimento de admiração diante dos poemas de Mary Grueso Romero. O poemário dela é, para mim, uma descoberta e uma ferramenta de muito aprendizado. A proposta de estudar sua obra surgiu desse encontro impregnado de magia e força que a autora carrega em função do que faz e defende, elementos expressivos que me ajudaram a elaborar minhas reflexões sobre as quais dissertaria.

Quero acreditar que as reflexões aqui traçadas provocarão nos leitores e nos futuros pesquisadores o desejo de conhecer mais acerca das obras de Mary Grueso Romero e de seu trilhar poético.

Vale ressaltar que esta pesquisa se insere numa temática bastante instigante e contemporânea e, portanto, as possibilidades de discussão sobre o tema abordado não se esgotam aqui, cabendo sempre a possibilidades de novas interpretações e novas leituras.

Nem mais flexível, nem menos flexível, a medida exata de se romper com o paradigma da discriminação relacionada à diversidade cultural de diferentes expressões e representações *transculturais*, é não posicionar o negro de maneira superior ou inferior ao branco, ao índio etc, mas sim, colocá-lo em condição discursiva igualitária, propiciando-lhe direito a conceber-se livremente com sua *otredad* cultural e com toda a sua subjetividade e simbologia.

REFERÊNCIAS

ARREAZA, J.A.C. **Crear con la palabra - módulos para talleres de escritura y lectura**. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2010.

BARBARY, O; URREA, F. **La población negra en la Colombia de hoy: dinâmicas sociodemográficas, culturales y Políticas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2003000100002>. Acesso em: 17 fev. 2016.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. 3ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. - Porto Alegre; L&PM, 1987. 260p.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. Coleção Humanitas. 394 p.

BORGES, C.F.P. **Tem(po)esia – o tempo na poesia lírica moderna**. Disponível em: <<http://www.file:///C:/Users/asus-pc/Desktop/TEMPO%20NA%20POESIA.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

CAPAVERDE, T. S. Las Mujeres Habitadas da América Latina: identidade e alteridade na construção das personagens de Gioconda Belli. in: FREITAS, D. B. A. (Org.). **O múltiplo em construção: questões de linguagem e identidade**. Boa Vista: Editora UFRR, 2012. 201p.

CIRLOT, J.E. **Diccionario de símbolos**. Disponível em: <<http://www.libroesoterico.com/biblioteca/Diccionarios/Cirlot-Juan-Eduardo-Diccionario-de-Simbolos.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

COLOMBIA. Constitución (1991). **Constitución Política de Colombia de 1991**. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/colombia/colombia_constitucion_politica_1991_spa_orof.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2015.

COSER, S. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. 490p.

DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2008.

ESCOBAR, G.C; ZAMORANO, A.O. **¡Negras somos!: Antologia de 21 mujeres poetas afrocolombianas de la región pacífica** - Santiago de Cali: Programa Editorial Universidad del Valle, 2008. 224 p.

FIGUEIREDO, E.(Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. 490p.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4. ed. 6. reimp. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GIDDENS, A. in: HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

GILROY, P. **O Atlântico negro**. Tradução de Cid Knipel Moreira. - São Paulo: Editora 34. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012 (2ª Edição). 432 p.

GOMES TORRES, H. Identidade Cultural, Mestiçagem, Colonialidade. **Revista Brasileira do Caribe**: Universidade de Brasília, vol. IX, nº 17, (jul./dez). Brasília: Ed. CECAB, 2008.

GRINBERG, K. e PEABODY, S. **Escravidão e liberdade nas Américas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

GUEDES, V. M. **A contribuição de Stuart Hall e de Néstor García Canclini para os estudos da identidade cultural contemporânea**. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/2194>>. Acesso em: 25 abr. 2015

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. **Cuestiones de identidad cultura** - compilado por Stuart Hall CUE y Paul du Gay.- la ed.- Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 320 p.

HANCIAU, N. J. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E (org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. 2ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. p. 490.

JARAMILLO, M. M. **Mary Grueso Romero: poesia, memoria e identidad**. FitchburgStateCollege. Disponível em: <http://www.colombianistas.org/Portals/0/Congresos/Documentos/CongresoXIV/PonenciasPDF/jaramillo_ponencia.pdf>. Acesso em: 22 out. 2014

JARAMILLO, P. I. in: **El otro yo que sí soy yo - Poemas de Amor y Mar**. Buenaventura: Ediciones Marymar, 1996.

JOBIM, J.L. **Literatura e cultura: do nacional ao transnacional**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 214 p.

LEITE, A. M. **Empréstimos da Oralidade na Produção e Crítica Literárias Africanas**. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/206-empr%C3%A9stimos-da-oralidade-na-produ%C3%A7%C3%A3o-e-cr%C3%A9tica-liter%C3%A1rias-africanas>>. Acesso em: 20 out. 2015.

MARTÍNES-FALERO, L. **Poesía y creatividad: introducción a una poética de la creación.** Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/view/DICE0606110161A>>. Acesso em: 24 dez. 2015.

MOITA LOPES, L. P. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MORALES ESCOBAR, P. **Tradición oral afro se renueva con la poesía de sus mujeres.** Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/colombia/medellin/tradicion-oral-afro-se-renueva-con-la-poesia-de-sus-mujeres/16158019>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

MOTT, M. L. **Submissão e resistência: A mulher na luta contra a escravidão.** São Paulo: Contexto, 1998.

ORTIZ, G. R. Heterogeneidade. In FIGUEIREDO, Euridice (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura.** Juiz de Fora: UFJF, 2012.

ORTIZ, L; JARAMILLO, M. M. **Hijas del Muntú.** Bogotá: Panamericana Editorial, 2011 644 p.

OSORIO, Betty. **La narrativa de Mary Grueso Romero: poéticas y políticas de la identidad étnica del Pacífico colombiano.** Disponível em: <http://www.colombianistas.org/Portals/0/Congresos/Documentos/CongresoXVII/Osorio_Betty.pdf/>. Acesso em: 18 mai. 2014.

OYAMA, M.H.V.D. **Édouard Glissant e o pós-colonial.** (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant.** Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2009. 165 p.

PIZARRO, A. **O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana.** Tradução Irene Kallina, Liege Rinaldi. – Niterói: EdUFF, 2006. p. 112.

QUEIROZ, A. O. **As inscrituras do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana.** Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/2007/teses/tese-amarino-oliveira.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

REIS, L. M. Transculturação e Transculturação Narrativa. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura.** 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. 490p.

ROMERO, M.G. **El mar y tu-Poesía afrocolombiana.** Buenaventura: 2003.

_____. **El otro yo que si soy yo: Poemas de amor e mar.** Buenaventura: 1997.

_____. **El significado del mar para la escritora** (mensagem pessoal). Mensagem recebida por <marydircultura@gmail.com> em 20 fev. 2016.

_____. **Negra Soy.** Roldanillo: Ediciones Embalaje: 2008.

_____. **Tómame antes que la noche llegue.** Roldanillo: Ediciones Embalaje - Museo Rayo, 2014.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos.** 2ª ed. - Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

SOSA, E. **La otredad: Una visión del pensamiento latino-americano contemporáneo.** Disponível em: <http://www.scielo.org/ve/scielo.php?pid=S045912832009000300012&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 nov. 2014.

SUAREZ REYES, F. **Etnoeducación: Tradición Oral y Habla en el Pacífico Colombiano.** Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00532565/document>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

TAYLOR, C. Multiculturalisme. Différence et démocratie. In: FIGUEIREDO, E. FIGUEIREDO, E.(Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura** / Eurídice Figueiredo, (organizadora). 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. 490 p.

TORRES-GARCÍA, S. **Un nuevo erotismo: La recuperación del cuerpo de la mujer negra a través de la parodia en dos cuentos de Mayra Santos-Febres.** Disponível em: <<http://uknowledge.uky.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1032&context=naeh>> Acesso em: 29 fev. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Manual de normas para apresentação de trabalhos técnico-científicos.** UFRR, 2011.

WALTER, R. Memória, História e Identidade Cultural: Maryse Condé, Édouard Glissant, Gisèle Pineau e Patrick Chamoiseau. **Revista Brasileira do Caribe.** Universidade de Brasília, vol. IX, nº 17(jul./dez). Brasília: Ed. CECAB, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. in: SILVA, T. T.da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** p.7-72. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2014. 128 p.